

Rio de Janeiro, Dezembro 2011

UERJ Universidade do Estado do Rio de Janeiro
CTC Centro de Ciências e Tecnologia
ESDI Escola Superior de Desenho Industrial

Rio & crônicas uma coletânea

Aluno: Rafael Medeiros França
Orientação: Elianne Jobim
Co-orientação: Noni Geiger

Rio &
crônicas
uma
coletânea

Rio de Janeiro, Dezembro 2011

UERJ Universidade do Estado do Rio de Janeiro
CTC Centro de Ciências e Tecnologia
ESDI Escola Superior de Desenho Industrial

Rio & crônicas uma coletânea

Aluno: Rafael Medeiros França
Orientação: Elianne Jobim
Co-orientação: Noni Geiger

Sumário

Introdução

Tema	07
Etapas do projeto	08
Proposta	09

Projeto editorial

Organização do conteúdo	10
Seleção de autores	13
Textos biográficos	15

Projeto gráfico

Referências visuais	17
Tipografia	19
Formato da página e diagramas	21
Tipografia secundária e grafismos	28

Monogramas	30
Paleta de cor	35
Abertura dos autores	38
Assinatura	50
Capa e encadernação	54
Fotos do livro	59

Anexos

Crônicas selecionadas	66
Solicitação de uso de imagens	80

Referências

Publicações	81
Websites	82

Resumo

“Rio & crônicas uma coletânea” é um livro composto por crônicas de autoria de grandes escritores da literatura brasileira, sobretudo carioca. O livro retrata a cidade do Rio de Janeiro através de textos com objetivo de aproximar a produção literária clássica das pessoas com interesse na cidade, lembrando-a ou, para os mais jovens, apresentando seus grandes nomes pela primeira vez, de forma didática e memorável.

Palavras-chave:

1.Livro 2.Desenho de tipos 3.Diagramação 4.Literatura

Agradecimentos

Agradeço imensamente a todos que colaboraram com a realização deste projeto, direta ou indiretamente. À minha orientadora Elianne Jobim, por todo o suporte durante o período de desenvolvimento, às contribuições da professora Noni Geiger, que sempre se mostrou disposta a ajudar em qualquer momento.

Obrigado àqueles que me apoiaram emocionalmente, me dando força e proporcionando momentos de descontração e risadas durante um ano de bastante trabalho e responsabilidade. A todos vocês que aturaram a minha ansiedade, às vezes, bem chata. Vocês são muito especiais.

Por fim, à cidade do Rio de Janeiro, que me inspira todos os dias que acordo. Aos dias de céu azul que me deram energia para continuar, incansavelmente, a realização deste projeto.

Introdução

- Tema | Arte, Design e Arquitetura

A partir do tema proposto Arte, Design e Arquitetura, dei início à minha pesquisa buscando interseções entre a produção de cada uma dessas áreas de conhecimento, tentando conciliá-las com meus interesses. Ao refletir sobre o tema, a questão da palavra escrita, isto é, o texto, foi algo que me instigou.

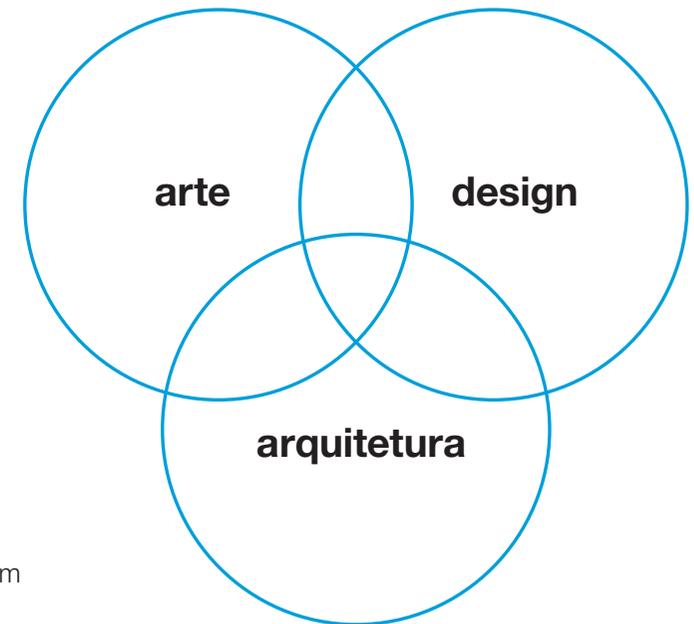
Além do gosto pela tipografia, caligrafia e letras desenhadas à mão, a literatura foi algo que me pareceu bastante próximo ao universo do tema.

Dentro do campo da literatura, iniciei uma pesquisa onde pudesse encontrar textos que abordassem esses três grandes temas, mesmo que de forma indireta. Especulei entre os tipos de texto do gênero épico, ou seja, os textos narrativos. Dentre as modalidades textuais do texto narrativo estão os romances, contos, novelas, poemas, crônicas, fábulas e ensaios.

A crônica, ligada à vida cotidiana, com linguagem coloquial, breve e com um toque de humor e crítica, carrega em si os traços de um local em um determinado tempo por se tratar de um registro cronológico de eventos.

Em algumas crônicas, por exemplo, revivemos os detalhes das ruas de uma determinada cidade, a descrição de suas praças públicas, edifícios, museus ou também os eventos ocorridos no momento, como exposições de arte ou o filme em estreia na época. Em geral, a crônica retrata uma época e os costumes da população.

Conseqüentemente, dentro do contexto do Rio de Janeiro, busquei relações entre a cidade e os textos que a retratam. Como é a cidade do Rio de Janeiro retratada nos textos?



Introdução

- Etapas do projeto

O projeto foi dividido em 2 fases: **Fase 1** e **Fase 2**. A primeira consistiu no período de elaboração da proposta, a partir de pesquisas e discussões levantadas ao longo do primeiro semestre do ano letivo. A segunda fase foi determinada para a execução da proposta anteriormente apresentada.

A partir da divisão das fases foi possível organizar as tarefas de maneira clara e eficiente. Para a **Fase 2**, desenvolvi um cronograma detalhado que guiou todo o processo de execução do projeto e me permitiu uma visão ampla que ajudou a controlar o processo de desenvolvimento.

Fase 1

ELABORAÇÃO DA PROPOSTA DE PROJETO

- Problematização
- Pesquisa
- Elaboração da proposta
- Apresentação da proposta
- Levantamento de dados e conteúdo (Bibliografia, textos etc)

Fase 2

EXECUÇÃO DO PROJETO

2.1 PROJETO EDITORIAL

- Levantamento do conteúdo
- Organização do conteúdo

2.2 PROJETO GRÁFICO

- Ideias iniciais
- Seleção das ideias e refinamento
- Trabalhando com a tipografia
- Suporte, formato, texturas, paleta de cor
- Produção gráfica

Introdução

- Proposta



A proposta desse projeto consiste no desenvolvimento de um livro, cujo conteúdo textual é inteiramente composto por crônicas de autores consagrados da literatura brasileira.

O objetivo do livro é aproximar a produção literária clássica das pessoas, às vezes esquecida e, muitas vezes, até desconhecida pelos próprios cariocas.

A maneira encontrada para criar essa ponte entre a literatura e as pessoas foi a própria cidade do Rio de Janeiro, que desperta tanto interesse ao redor de todo o mundo.

Trata-se de um passeio pela cidade do Rio de Janeiro através de textos. Para chegar a esse resultado, foi feita uma seleção criteriosa de autores e textos que fariam parte do livro. Dentro do quadro de autores importantes da literatura brasileira, estabeleceu-se critérios para se chegar

a um quadro sucinto de autores que seriam mais relevantes para a proposta. Sendo assim, os autores escolhidos são cariocas em sua maioria, quando não cariocas, foram radicados na cidade. Dessa maneira, foi possível buscar textos que contassem um pouco sobre a cidade em uma determinada época, sob o olhar de um determinado escritor. Textos que contam sobre os habitantes da cidade, suas ruas, arquitetura, detalhes e estilo de vida. O gênero de texto que compõe todo livro e foi escolhido para retratar a cidade é a crônica.

A crônica

Transitando entre o conto e a notícia, a crônica é um gênero narrativo muito popular na literatura contemporânea. Seu caráter breve, mais objetivo e mais calcado na realidade, faz com que haja um interesse maior dos leitores por essas pequenas peças literárias em que um fato, muitas vezes

real, é o elemento desencadeador do processo reflexivo. Sendo assim, foi escolhida para ser a porta de entrada no mundo dos grandes escritores.

A crônica dá ao escritor uma liberdade muito grande, pois através de um acontecimento cotidiano, desperta a sensibilidade do cronista e o leva à reflexão. É um gênero literário desenvolvido por grandes escritores com diferentes especialidades. Encontramos crônicas de romancistas como Machado de Assis, poetas como Drummond e Bandeira ou compositores como Vinicius de Moraes.

Por essas razões, esse gênero literário foi escolhido para traçar um retrato da cidade e, ao mesmo tempo, reviver ou apresentar, para os mais jovens, grandes nomes da literatura carioca.

Projeto editorial

- Organização do conteúdo

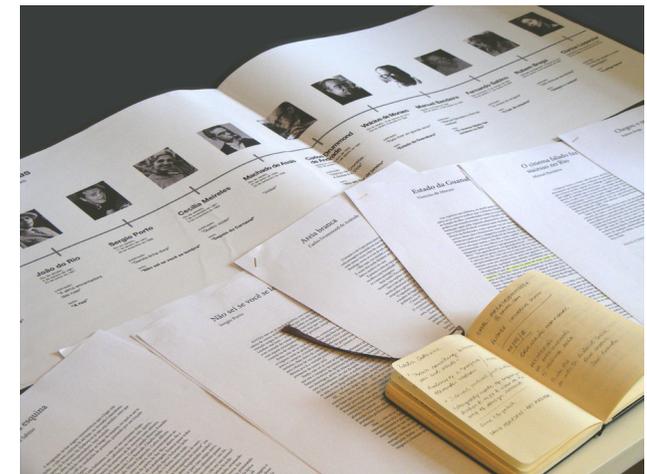
A partir do objetivo especulado na Fase 1 - elaboração da proposta, surge a necessidade do desenvolvimento de um projeto editorial que seja capaz de organizar e transmitir o conteúdo que foi gerado e coletado.

Após pesquisas de autores e leituras de possíveis textos que seriam relevantes para a proposta, chegou-se a um número de 12 autores. Cada autor, então, teria 1 texto apresentado. O livro finalmente traz **12 autores e 12 crônicas**.

Esses autores aparecem no livro em ordem alfabética. São eles: **Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Clarice Lispector, Fernando Sabino, João do Rio, Lima Barreto, Machado de Assis, Manuel Bandeira, Millôr Fernandes, Rubem Braga, Sergio Porto e Vinicius de Moraes**.

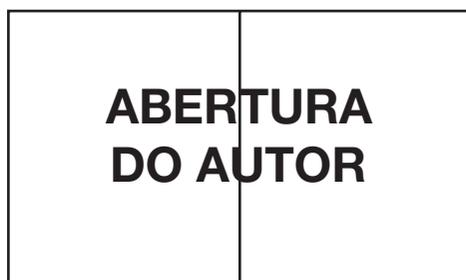
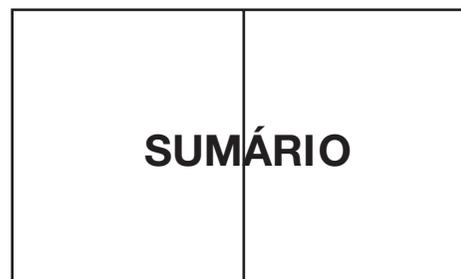
O esquema representado na página seguinte desse relatório, consiste na organização de como o material é disposto. Após o conteúdo pré-textual (guardas, folha de rosto, sumário, ficha catalográfica, etc), o livro inicia-se com o primeiro autor em ordem alfabética através de um *spread* chamado de “abertura do autor”. O *spread* de abertura do autor antecede os textos apresentados e funciona como uma vinheta que apresenta ao leitor a autoria de cada texto.

O conteúdo desse *spread* de abertura é composto pelo nome do autor, sua data de nascimento e morte e um pequeno parágrafo biográfico. Além do conteúdo textual, o *spread* traz um retrato fotográfico e um monograma composto das letras iniciais de seu nome para representá-lo. No conteúdo “projeto gráfico” desse relatório, a questão dos monogramas e fotografias serão abordadas com mais profundidade.



Projeto editorial

- Organização do Conteúdo



Os *spreads* chamados de “texto corrido”, no esquema ao lado, consistem nas páginas onde o texto é apresentado e trazem nas páginas a crônica, o título da crônica, o nome do autor, data original de publicação do texto em rodapés e paginação.

Após organizar o conteúdo dentro de um esquema de páginas de livro, foi possível estabelecer um número prévio do total de páginas e obter uma visão ampla do projeto editorial.

A partir da premissa que cada autor teria um *spread* de abertura e, no mínimo, 4 páginas de texto corrido e máximo de 8, foi possível estabelecer que o livro teria, no **máximo, 124 páginas** e, no **mínimo, 76 páginas**. (incluso o conteúdo pré-textual)

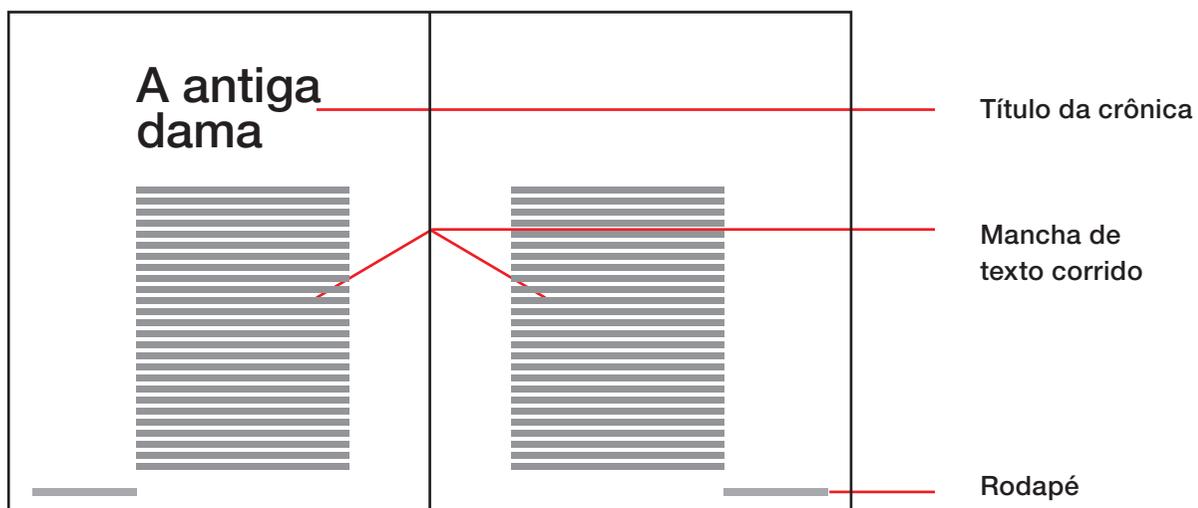
O esquema da próxima página representa um rascunho da organização do conteúdo de texto nas páginas de abertura do autor e texto corrido.



Após o conteúdo definido e estruturado em formato editorial, o projeto, então, recebe o título:

Rio & crônicas; uma coletânea.

O nome trás em si a palavra “Rio” para despertar o interesse dos curiosos sobre a cidade, “crônicas” que anuncia o conteúdo do livro e “coletânea”, uma palavra que abraça e dá a importância merecida a um livro que carrega nomes de peso e valor cultural.



Projeto editorial

- Seleção de autores

* Todos os textos que foram selecionados para compor a coletânea estão, na íntegra, na seção “anexo” deste relatório, que se inicia na página 50.

O esquema abaixo reúne todos os escritores selecionados para o livro “Rio & crônicas uma coletânea. Além do critério de serem cariocas ou terem vivido a maior parte de suas vidas na cidade do Rio de Janeiro, todos os autores

são falecidos, com exceção de Millôr Fernandes que, embora ainda vivo, faz parte da mesma geração de outros autores que compõem o quadro como Vinicius de Moraes, Sergio Porto, Rubem Braga, Fernando Sabino e Clarice Lispector.



Carlos Drummond de Andrade

Itaboraí, 31 de outubro de 1902
Rio de Janeiro, 17 de agosto de 1987

texto:
“Areia branca”

Cecília Meireles

Rio de Janeiro,
7 de novembro de 1901
9 de novembro de 1964

texto:
“Depois do Carnaval”

Clarice Lispector

Chechelnyk, 10 de dezembro de 1920
Rio de Janeiro, 9 de dezembro de 1977

texto:
“A antiga dama”

Fernando Sabino

Belo Horizonte, 12 de outubro de 1923
Rio de Janeiro, 11 de outubro de 2004

texto:
“O bar da esquina”

João do Rio

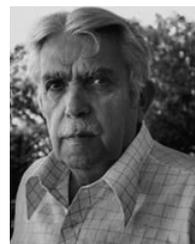
Rio de Janeiro,
5 de agosto de 1881
23 de junho de 1921

texto:
“A pintura das ruas”

Lima Barreto

Rio de Janeiro, 13 de maio de 1881
São Paulo, 1 de novembro de 1922

texto:
“Ontem e hoje”



Machado de Assis

Rio de Janeiro,
21 de junho de 1839
29 de setembro de 1908

texto:
"Bons dias! 29 de Julho"

Manuel Bandeira

Recife, 19 de abril de 1886
Rio de Janeiro, 13 de outubro de 1968

texto:
"O enterro do Sinhô"

Millôr Fernandes

Rio de Janeiro, 1923

texto:
"O Carioca É. Antes de
tudo"

Rubem Braga

Cachoeiro de Itapemirim, 12 de Janeiro de 1913
Rio de Janeiro, 19 de dezembro de 1990

texto:
"Chegou o outono"

Sergio Porto

Rio de Janeiro,
11 de janeiro de 1923
30 de setembro de 1968

texto:
"Não sei se você se lembra"

Vinicius de Moraes

Rio de Janeiro, 19 de outubro de 1913
Rio de Janeiro, 9 de julho de 1980

texto:
"Estado da Guanabara"

Projeto editorial

- Textos biográficos

Os textos biográficos consistem no conteúdo textual presente na abertura de cada autor. Os textos foram extraídos do livro “Literatura Brasileira tempos, leitores e leituras” de Maria Luiza M. Abaurre e Marcela Pontara publicado pela editora Moderna e adaptados.

Carlos Drummond de Andrade

Mineiro de Itabira, é considerado o mais importante poeta brasileiro do século XX. Ele tematizou a vida cotidiana e os acontecimentos do mundo em versos que focalizam o ser humano, a família, as questões sociais, a existência e a própria poesia

Cecília Meireles

Poeta, professora, pedagoga e jornalista, nasceu na Tijuca, no Rio de Janeiro. Foi criada pela avó materna, pois seu pai faleceu três meses antes de seu casamento e, sua mãe, antes que ela completasse três anos. Foi também a única sobrevivente dos quatro filhos do casal. Sobre sua maneira de ver o mundo afirmava: “A noção e o sentimento de transitoriedade de tudo é o fundamento mesmo da minha personalidade”

Clarice Lispector

A menina Haia nasceu em Tchetchelnik, na Ucrânia. Quando veio para o Brasil, em 1922, recebeu o nome que consagraria como uma das maiores escritoras brasileiras: Clarice Lispector. A literatura produzida pela autora surpreende por buscar a compreensão da consciência individual, marcada sempre pela grande introspeção das personagens. Procurando analisar as características que constituem o indivíduo, a autora não se preocupa com a construção de um enredo tradicional estruturado, com começo, meio e fim.

Fernando Sabino

Aos 13 anos publicou seu primeiro conto, que saiu na revista da polícia mineira. Passou a escrever crônicas para a revista Carioca, que promovia um concurso permanentemente. Sua bibliografia completa, entre contos, crônicas, cartas e novelas, ostenta quase 50 títulos. Em 1999 foi agraciado com o Prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras.

João do Rio

João do Rio foi o pseudônimo mais constante de João Paulo Emílio Coelho Barreto, escritor e jornalista carioca, que também usou como disfarce os nomes de Godofredo de Alencar, José Antônio José, Joe, Claude, etc., nada ou quase nada escrevendo e publicando sob o seu próprio nome. Foi redator de jornais importantes, como “O País” e “Gazeta de Notícias”, fundando depois um diário que dirigiu até o dia de sua morte, “A Pátria”. Contista, romancista, autor teatral, tradutor, foi membro da Academia Brasileira de Letras, eleito na vaga de Guimarães Passos.

Lima Barreto

Mestiço e filho de mestiços, sofreu preconceito de uma sociedade que discriminava as pessoas com base na cor de sua pele. Acreditava que a literatura devia ajudar a difundir as “grandes e altas emoções humanas” e a construir a comunhão entre pessoas de todas as raças e classes. Leitor apaixonado, usou a voz de diferentes personagens para difundir essa crença no poder dos livros.

Machado de Assis

Foi um intelectual respeitado e influente. Em seus 69 anos de vida, nunca se afastou mais do que 120 quilômetros do Rio de Janeiro. No entanto, criou uma obra que retrata com perfeição a sociedade brasileira do Segundo Reinado. Fundou a Academia Brasileira de Letras, da qual foi aclamado presidente perpétuo.

Manuel Bandeira

Nascido no Recife, mudou-se com a família para o Rio de Janeiro, onde permaneceu por quase toda sua vida. A poesia passou a representar uma saída para o desconsolo em que vivia o autor desde a descoberta de sua tuberculose. É através do exercício literário que o poeta reflete sobre a vida, fala sobre suas memórias de menino, registra cenas do cotidiano e, acima de tudo, aprende a lidar com a ameaça da doença e da morte.

Millôr Fernandes

Considerado “um dos poucos escritores universais que possuímos”, na opinião do crítico Fausto Cunha. Millôr Fernandes nasceu no subúrbio do Rio de Janeiro, com o nome de Milton Viola Fernandes. Sua certidão de nascimento, grafada à mão, fazia crer que seu nome era Millôr e não Milton. Desenhista, humorista, dramaturgo, escritor e tradutor, colaborou com os principais jornais brasileiros.

Rubem Braga

Considerado por muitos o maior cronista brasileiro desde Machado de Assis, teve a característica singular de ser o único autor nacional de primeira linha a se tornar célebre exclusivamente através da crônica. Segundo o crítico Afrânio Coutinho, a marca registrada dos textos de Rubem Braga é a “crônica poética, na qual alia um estilo próprio a um intenso lirismo, provocado pelos acontecimentos cotidianos, pelas paisagens, pelos estados de alma, pelas pessoas, pela natureza.

Sergio Porto

Nasceu no Rio de Janeiro em pleno verão, ficou famoso anos depois sob o pseudônimo de Stanislaw Ponte Preta. Sua obra é carioquíssima, até hoje insuperável, transpondo para jornais, livros e revistas o saboroso coloquial do Rio de Janeiro. Seus estudiosos dizem que, na literatura, Sergio Porto encontrou seu grande filão: a irreverência.

Vinicius de Moraes

Definia-se como “um labirinto em busca de uma saída” e, para Carlos Drummond de Andrade, foi o único poeta brasileiro que ousou viver sob o signo da paixão. Advogado, diplomata, foi casado nove vezes e fez inúmeras viagens. Poeta, compositor e intérprete, constantemente apaixonado, viveu, na prática, o verso “que seja infinito enquanto dure” em tudo que fez.

Projeto gráfico

- Referência visuais

Antes de dar início à fase de estudos de *layout* para criação do livro, estabeleci premissas às quais esse projeto gráfico deveria atender. Trata-se de um livro que trás em si um conteúdo clássico a ser apresentado para um público que conhece, ou não, os autores. Esse material deve ser interessante visualmente para esse público e chamar sua atenção sem desmerecer a importância do conteúdo clássico. Ou seja, era preciso criar uma linguagem visual que refrescasse o conteúdo clássico, apresentado-o de forma nova e atraente.

Dei início, então, a uma pesquisa de referências visuais contemporâneas de projetos similares desenvolvidos por escritórios de design prestigiados como o Pentagram studio¹.

¹ Pentagram é a maior consultoria independente de design do mundo. A firma é liderada por 16 parceiros. Com sede em Londres, Nova York, Berlin e Austin, o escopo de trabalho varia entre design gráfico de publicações, pôsteres, livros, exposições, websites, instalações digitais e arquitetura de interiores.

Após uma vasta pesquisa de projetos gráficos relevantes, cheguei a uma síntese que traduz as intenções de linguagem gráfica do projeto. Esse quadro serviu como *moodboard* para a criação da linguagem visual do livro, guiando as decisões gráficas do projeto.

Mais a frente, abordarei os seguintes tópicos de decisões que compõem o projeto gráfico: tipografia, formato da página e diagramas, elementos gráficos de apoio, fotografia, paleta de cor, design da capa e encadernação do livro.

Moodboard:

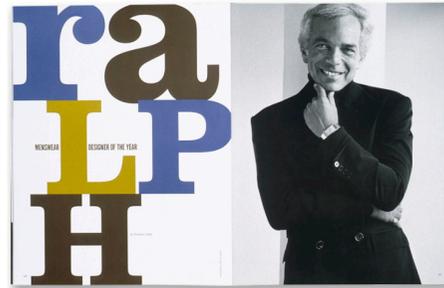
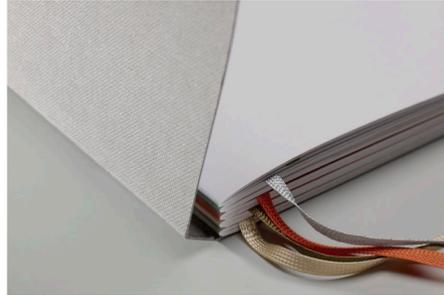
Nessa compilação de imagens de referência procurei montar um quadro que serviria como subsídio criativo para desenvolvimento de paleta de cor, escolha tipográfica, uso de imagens, uso da tipografia, recursos gráficos etc.

Para trazer contemporaneidade à linguagem gráfica do livro, determinei que, na minha escolha tipográfica optaria, por um desenho de letra sem-serifa e grotasca, utilizando-a de forma modernista. A tipografia é bem presente nos *layouts* e toma um lugar de destaque em estilos *bold* e caixa baixa.

Outro detalhe importante é o uso da cor. Grandes chapadas de cores vibrantes e puras, contrastes bem definidos, recortes claros e precisos como nos exemplos das imagens da próxima página. Essas já eram algumas das características que o partido gráfico deveria atender.

Moodboard:

The Lost Girls



Alabama Alaska Arizona
California Colorado
Florida Georgia
Illinois Indiana Iowa
Louisiana Maine Massachusetts
Michigan Minnesota Missouri
Montana Nebraska Nevada
New Jersey New Mexico
North Carolina North Dakota
Oregon Pennsylvania
South Carolina South Dakota
Tennessee Texas
Utah Vermont Virginia
West Virginia Wisconsin



VMFA

Projeto gráfico

- Tipografia primária

Tipografia: Effra

**The quick brown
fox jumps over
the lazy dog**

Effra Bold

**ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ
abcdefghijklmnopqrstuvwxyz
123456789**

Effra Regular

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ
abcdefghijklmnopqrstuvwxyz
123456789

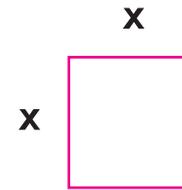
Effra

A fonte Effra expressa uma atitude direta e utilitária que persiste ao lado de estéticas como o neo-futurismo, a cultura pop e os revivals históricos que fazem parte da tipografia contemporânea. O projeto tem autoria da empresa Dalton Maag. (www.daltonmaag.com)

Lorem ipsum dolor sit amet

Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipisicing elit. Fusce non justo erat, non ultrices tortor. Mauris quis elit nunc. Sed gravida euismod neque, a bibendum mauris elementum quis. Maecenas sed nunc ut justo rhoncus aliquet. Pellentesque habitant morbi tristique senectus et netus et malesuada fames ac turpis egestas. Suspendisse tempus lectus at lacus scelerisque id posuere metus egestas. Sed ornare consequat lorem et .

In hac habitasse platea dictumst. Pellentesque venenatis velit sed diam ultricies eget dapibus nulla lobortis. Sed rhoncus nibh quis nibh elementum ullamcorper. Mauris egestas, sapien eu suscipit porta, nunc nunc suscipit ligula, quis tincidunt mauris ligula vitae enim. Quisque quis sapien tortor, et auctor tellus. Aenean adipiscing aliquam ipsum, nec viverra urna bibendum ut. Pellentesque mi tellus, aliquet a egestas vel, laoreet et turpis. Class aptent taciti sociosqu ad litora torquent per conubia nostra, per inceptos himenaeos. Vestibulum ante ipsum primis in.



A escolha da tipografia de uso primário do projeto desempenha um papel importante para todas as decisões posteriores de ordem gráfica como formatos de página, diagramas, composições etc. É a partir das proporções de desenho dessa letra que as decisões são tomadas.

Formatos determinados pelos elementos internos da página

O resultado de formato de página deu-se a partir das decisões tipográficas. O formato e o tamanho do livro foram aprimorados ao longo do processo de construção da *grid*, influenciados por decisões relativas ao tamanho do tipo, altura do corpo e entrelinha.

Analisando o desenho do tipo escolhido, foi percebido que suas proporções são muito próximas as de um quadrado. As letras, tanto em caixa baixa como alta, ocupam um espaço quadrado em seu entorno, o que as confere uma característica visual marcante, onde uma certa horizontalidade marca o desenho da letra. Por exemplo, se comparamos as letras da Effra com outro tipo sem-serifa como a Helvetica, fica fácil de perceber essas proporções quadradas. Em relação à Helvetica, é mais esguia, verticalmente.

O C Z H D M X

O C Z H D M X

O e s c a u X

O e s c a u X

Projeto gráfico

- Formato da página e diagramas

Exemplos:

Helvetica Neue 75 Bold

Effra Bold

Helvetica Neue 75 Bold

Effra Bold

Ao comparar os tipos da Effra, fica mais fácil perceber essa característica marcante do seu desenho: a forma quadrada. Foi a partir dessa característica que o formato do livro foi pensado. A tipografia é o conteúdo que o livro carrega e esse suporte deve ser pensado de melhor maneira a acomodar os tipos.

Formato da página

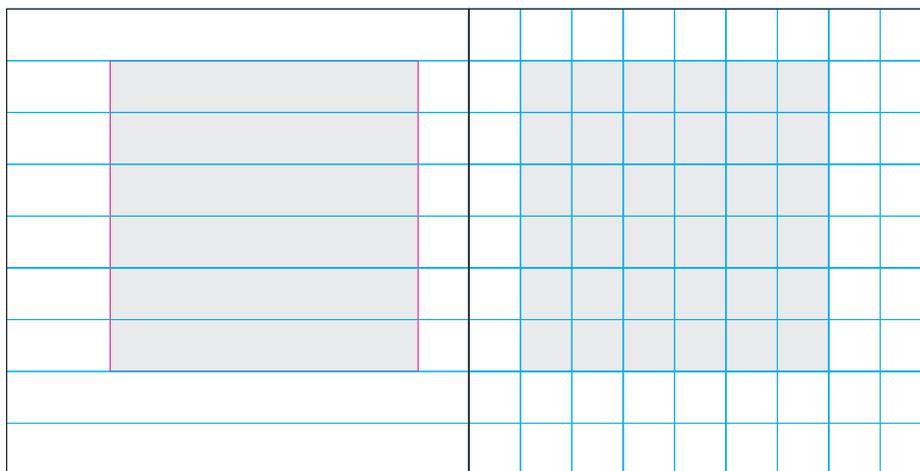
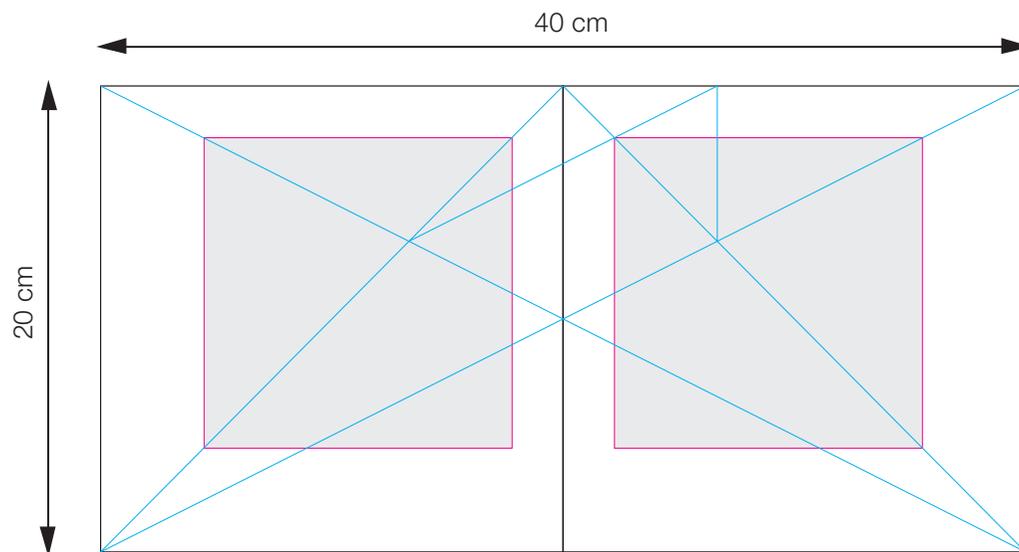
Dada a análise morfológica da tipografia, o formato determinado para o livro foi de **20 x 20cm fechado** e **20 x 40cm aberto**. Um formato que pode ser considerado de tamanho médio que, também, foi pensado para evitar custos muito altos com a produção gráfica.

Grid

Levando em consideração questões como o formato da página, as decisões tipográficas de corpo, entrelinha e formatação do texto, uma grid modernista foi pensada para acomodar da melhor maneira os elementos que compõem a página.

Essa *grid* respeita os princípios modernistas de Jan Tschichold cujas ideias foram ampliadas após a Segunda Guerra Mundial por Max Bill, Emil Ruder, Hans Erni, Celestino Piatti e Josef Müller Brockmann, na Suíça e na Alemanha. É uma

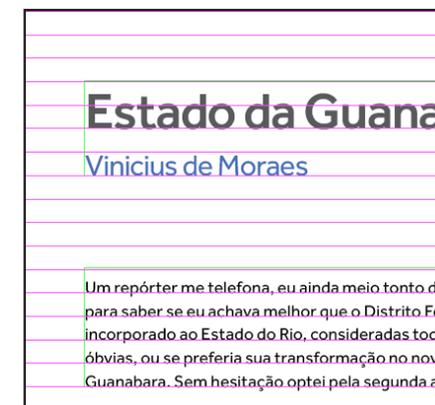
grid sistemática onde todos os elementos são determinados por uma estrutura racional. No livro *Grid System in Graphic Design: a Visual Communication Manual for Graphic Designers, Typographers and Three-dimensional Designers* (1961), Müller Brockmann explica sua abordagem para a *grid*: “em um sistema de *grid* sofisticado, não somente as linhas de texto alinham-se às ilustrações, mas também as legendas e os tipos *display*, títulos e subtítulos”. Seu livro tanto explica em texto quanto demonstra por meio do design sua abordagem racional: Müller-Brockmann executa uma engenharia de página em vez de efetuar artesanalmente o design. Suas calibragens são exatas e todos os elementos da página podem ser expressos matematicamente por números inteiros: as colunas são subdivisões do formato; as margens e as unidades são subdivisões das colunas; as linhas de base são iguais, além de serem subdivisões exatas das unidades.



O diagrama

A imagem ao lado representa o diagrama de Villard de Honnecourt aplicado ao formato 20 x 20cm da página do livro.

O arquiteto Villard de Honnecourt (c.1225-c.1250), elaborou um método de divisão geométrica onde qualquer formato de página pode ser subdividido. Essa abordagem divide eficientemente a altura e largura da página por nove, criando 81 unidades, cada uma delas, possui a mesma proporção do formato da página. As margens são determinadas pela altura e largura da unidade. Essa divisão em nonos pode ser usada de maneira igualmente eficiente tanto para formato vertical quanto para horizontal.



Especificações

O corpo utilizado para a massa de texto corrido é de 11,5 pt e a entrelinha é de 15,8 pt (mesma medida que define a *baseline* e comporta outros tamanhos de textos como títulos, subtítulos e rodapés).

Exemplos de páginas de texto corrido:

*A imagem abaixo está em uma escala de 65% do tamanho real da página do livro.



Exemplos de páginas de texto corrido:

pelo país, pelos contemporâneos, de ter nascido numa terra de bugres e numa época de revoltante mercantilismo. É fatigante e talvez pouco útil. Um homem absoluta, totalmente notável só é aceitável através do cartão-postal, porque afinal fala de si, mas fala pouco. Foi, pois, com susto que ontem, domingo, recebi a proposta de um amigo:

- Vamos ver as grandes decorações dos pintores da cidade?
- Heim? Estás decididamente desvairando. As grandes decorações? Uma visita aos ateliers?
- Não; a outros locais.
- E havemos de encontrar celebridades?
- Pois está claro. Não há cidade no mundo onde haja mais gente célebre que a cidade de S. Sebastião. Mas não penses que te arrasto a ver algum Vítor Meireles, alguns Castagnetto apócrifos ou os trabalhos aclamados pelos jornais. Não! Não é isso. Vamos ver, levemente e sem custo, os pintores anônimos, os pintores da rua, os heróis da tabuleta, os artistas da arte prática. É curiosíssimo. Há lições de filosofia nos borrões sem perspectiva e nas “botas” sem desenho. Encontrarás a confusão da população, os germes de todos os gêneros, todas as escolas e,

por fim, muito menos vaidade que na arte privilegiada.

Era domingo, dia em que o trabalho é castigar o corpo com as diversões menos divertidas. Saí, devagar e a pé, a visitar bodegas reles, lugares bizarros, botequins inconcebíveis, e vim arrasado de confusão cerebral e de encanto. Quantos pintores pensa a cidade que possui? A estatística da Escola é falsíssima. Em cada canto de rua depara a gente com a obra de um pintor, cuja existência é ignorada por toda a gente.

O meu amigo começou por pequenas amostras da arte popular, que eu vira sempre sem prestar atenção: os macacos trepados em pipas de parati, homens de olho esbugalhado mostrando, sob o verde das parreiras, a excelência de um quinto de vinho, umas mulheres com molhos de trigo na mão apainelando interiores de padarias e talvez recordando Ceres, a fecunda. Depois iniciou a parte segunda:

— Vamos entrar agora nas composições das marinhas. Os pintores populares afirmam a sua individualidade pintando a Guanabara e a praia de Icaraí. Por essas pinturas é que se vê quanto o “ponto de vista” influi. Há o Pão de Açúcar redondo como uma bola, no Estácio; há o Pão de Açúcar do feito de

Exemplos de páginas de texto corrido:

uma valise no Andaraí; e encontra o mesmo Pão, comprido e fino, em S. Cristóvão. O povo tem uma alta noção dos nossos destinos navais; a sua opinião é exatamente a mesma que a do ministro da marinha – rumo ao mar! Por isso, não há Guanabara pintada pelos cenógrafos da calçada que não tenha à entrada da barra um vaso de guerra. A parreira como o bêbado tem uma conclusão fatal: carga ao mar!

— E depois?

— Depois entramos nas grandes telas, as grandes telas que a cidade ignora.

Estávamos na Rua do Núncio. O meu excelente amigo fez-me entrar num botequim da esquina da Rua de S. Pedro e os meus olhos logo se pregaram na parede da casa, alheio ao ruído, ao vozear, ao estrépito da gente que entrava e saía. Eu estava diante de uma grande pintura mural comemorativa. O pintor, naturalmente agitado pelo orgulho que se apossou de todos nós ao vermos a Avenida Central, resolveu pintá-la, torná-la imorredoura, da Rua do Ouvidor à Prainha. A concepção era grandiosa, o assunto era vasto, o advento do nosso progresso estatelavase ali para todo o sempre, enquanto não se demolir

a Rua do Núncio. Reparei que a Casa Colombo e o Primeiro Barateiro eram de uma nitidez de primeiro plano e que aos poucos, em tal arejamento, os prédios iam fugindo numa confusão precipitada.

Talvez esse grande trabalho tivesse defeitos. Os dos “salões” de toda a parte do mundo também os têm. Mas quantos artigos admiráveis um crítico poderia escrever a respeito! Havia decerto naquele deboche de casaria o início da pintura moral, da pintura intuitiva, da pintura política, da pintura alegórica... Indaguei, rouco:

— Quem fez isto?

— O Paiva, pintor cuja fama é extraordinária entre os colegas

Voltei-me e de novo fiquei maravilhado. Aquele café não era café, era uma catedral dos grandes fatos. Na parede fronteira, entre ondas tremendas de um mar muito cinzento rendado de branco, alguns destroyers rasgavam o azul denso do céu com projeções de holofotes colossais.

— Há coisas piores nos museus.

— Mas isto é digno de uma pinacoteca naval.

O amator, que é o dono do botequim, e o artista cheio de

Exemplos de páginas de texto corrido:

imaginação, que é o Paiva, não se haviam contentado, porém, com essas duas visões do progresso: a avenida e o holofote. Na outra parede havia mais uma verdadeira orgia de paisagem: grutas, cascatas, rios marginados de flores vermelhas, palmas emaranhadas, um pandemônio de cores.

Quando me viu inteiramente assombrado, esse excelente amigo levou-me ao café Paraíso, na Avenida Floriano.

— Já viste a arte-reclamo, a arte social. Vamos ver a arte patriótica.

— E depois?

— Depois ainda hás de ver os artistas que se repetem, a arte romântica e infernal.

A arte patriótica, ou antes regional, dos pintores da calçada é o desejo, aliás louvável, de reproduzir nas paredes trechos de aldeia, trechos do estado, trechos da terra em que o proprietário da casa, ou o pintor, viu a luz. No café Paraíso, o artista, que se chama Viana, pintou a cidade de Lourenço Marques, vista em conjunto, mas, como qualquer sentimento de amor naquela elaboração difícil brotasse de súbito no seu coração, Viana colocou à entrada de Lourenço Marques um couraçado desfraldando ao vento africano o pavilhão do Brasil.

Dessas pinturas há uma infinidade, e eu vi não sei quantas pontes metálicas do Douro ao atravessar algumas ruas.

— Entremos neste botequim, aqui à esquina da Rua da Conceição. Vais conhecer o Colon, pintor espanhol. Colon tem estilo: este painel é um exemplo. Que vês? Uma paisagem campestre, arvoredo muito verde, e lá ao fundo um castelo com a bandeira da nacionalidade do dono da casa. É sempre assim. Há outros mais curiosos. O Oliveira completa os trabalhos sempre com cortinas iguais às que se usavam nos antigos panos de boca dos teatros. O trabalho é o abuso do azul, desde o azul claro ao azul negro.

— Mas estás a contar os tiques de grandes pintores.

— São parecidos. Eu conheço muitos mais: o velho Marcelino, que tem a especialidade de pintar os homens no pifão; o Henrique da Gama, o primeiro dos nossos fingidores, que faz um metro de mármore em cada cinco minutos; o Francisco de Paula, que adora os papagaios e faz caricaturas; o Malheiros, que reúne gatos, cachorros, cascatas e caboclos em cada tela. É o ideal da arte! São eles os autores dos estandartes dos cordões; são eles que enriquecem! Já entraste num desses ateliers, no Cunha dos PP, no Garcia Fernandes da Rua do Senhor dos Passos? Pois é

Exemplos de páginas de texto corrido:

como um desses studios da Flandres antiga, em que os grandes artistas assinavam os trabalhos dos discípulos, é como se entrasse na grande manufatura da pintura assinada. Vamos ao Cunha.

— Não, não, por hoje basta.

— Mas pelo menos vem admirar na Rua Frei Caneca 1660 famoso trabalho do Xavier.

— O famoso trabalho?

Se os outros, que não eram famosos e não eram de Xavier, tanta admiração me haviam causado, imaginem esse, sendo de Xavier e sendo famoso. Precipitei-me num bonde, saltei comovido como se me assegurassem que eu iria ver a Joconda de Da Vinci, e, quando os meus olhos sôfregos pousaram na criação do pintor, uma exclamação abriu-me os lábios e os braços. Era simplesmente um incêndio, o incêndio de uma cidade inteira, a chama ardente, o fogo queimando, torcendo, destruindo, desmoronando a cidade do vício. Tudo desaparecia numa violentação rubra de fornalha candente. Seria o fogo sagrado, a purificar como em Gomorra, ou o fogo da luxúria, o símbolo devastador das paixões carnisais, a reprodução alegórica

de como a licença dos instintos devora e queima a vida?

Xavier fora mais longe. Aquele mar de incêndio, aquele braseiro desesperado e perene era a fixação do fogo maldito da luxúria, era o fogo de Satanás, porque Satanás, em pessoa, no primeiro plano, completamente cor de pitanga, com as pernas tortas e o ar furioso, abatia a seus pés, vestida de azul celeste, uma pobre senhora. Esse último painel punha-me inteiramente tonto. Mas não é uma das grandes preocupações da Arte comover os mortais, comovê-los até mais não poder? Xavier comovia, eu estava comovido. Nem sempre é possível obter tanta coisa nas exposições anuais. O meu amigo levou o excesso a apresentar-me o ilustre artista.

— Aqui está o Xavier.

— Os meus sinceros cumprimentos. Há sopro romântico, há imaginação, há ardência nesta decoração, fiz com o ar dogmático dos críticos ignorantes de pintura.

Ingenuamente, Xavier olhou para mim e, primeiro homem que não se julga célebre neste país, balbuciou:

— Eu não sei nada... Isso está para aí... Se soubesse fazer alguma coisa de valor até ficava.

Projeto gráfico

- Tipografia secundária e elementos gráficos

1. exemplo de monograma criado para o seu próprio nome Herb Lubalin.
2. Logotipo para a revista Families
3. Logotipo para a revista Mother and child

Diante das necessidades do projeto editorial, era preciso criar um projeto gráfico capaz de dar um tratamento diferenciado para cada autor. Dentro dessa coletânea, era fundamental criar uma linguagem visual que unificasse todo o conteúdo, ao mesmo tempo que diferenciasse os autores e desse autonomia a cada um deles. Assim, o conteúdo seria apresentado de forma coerente e didática.

Para isso, busquei na **personalização das formas das letras** um resultado capaz de ter pregnância visual para ser **memorável** e **único** como cada autor presente na coletânea.

O grande designer e tipógrafo **Herb Lubalin** é um dos grandes gênios da criação e personalização das letras. Lubalin criou logotipos, monogramas e *letterings* que ficaram para a história do design gráfico.





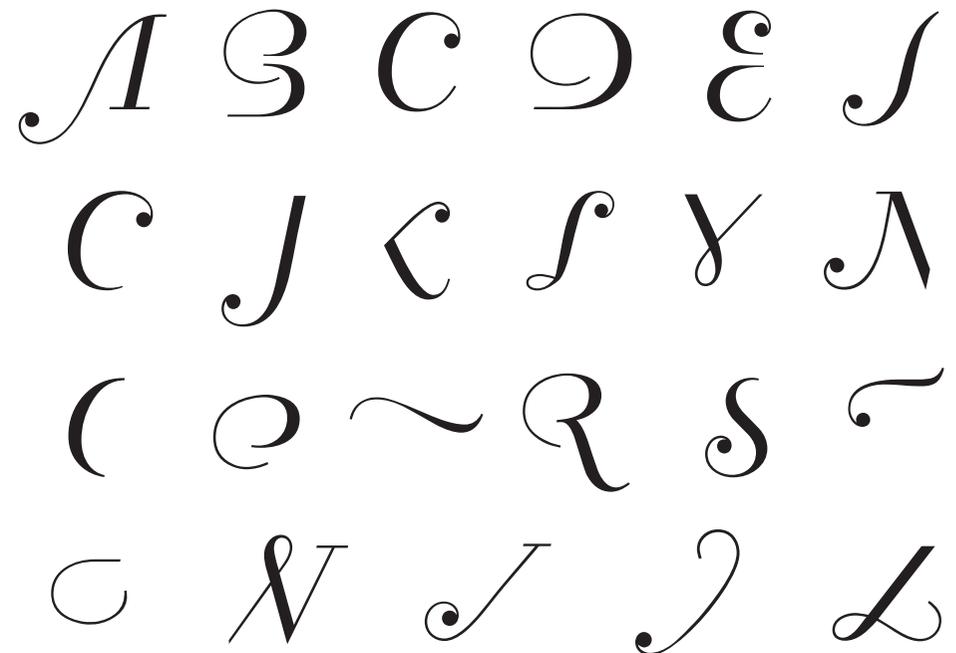
Monogramas

Foi criado para a representação dos autores, um monograma de cada um deles. Esses monogramas foram criados a partir de uma fonte com estilo *script*, posteriormente, personalizados e redesenhados com objetivo de chegar a resultados únicos para cada autor.

A fonte que serviu de base para os desenhos é a Bahia script. Foram utilizados somente os desenhos de letra em caixa alta. A fonte não é utilizada com objetivo de leitura e não foi utilizada em textos, ela serve somente como elemento gráfico de apoio.

A imagem ao lado representa um pouco do processo de desenvolvimento em que as letras são repartidas e desmembradas em curvas que são rearranjadas a fim de gerar uma forma única.

Processo de redesenho



Projeto gráfico

- Monogramas

Estes são os monogramas criados para representar cada autor e são utilizados nos *spreads* de abertura do livro e articulados com retratos fotográficos dos autores. O monograma, por fim, marca visualmente o autor em questão.

Carlos Drummond de Andrade

Cecília Meireles

Clarice Lispector

Fernando Sabino

João do Rio

Lima Barreto

Machado de Assis

Manuel Bandeira

Millôr Fernandes

Rubem Braga

Sergio Porto

Vinicius de Moraes



L

FS

JR

LB

MF

RB

SP

VM

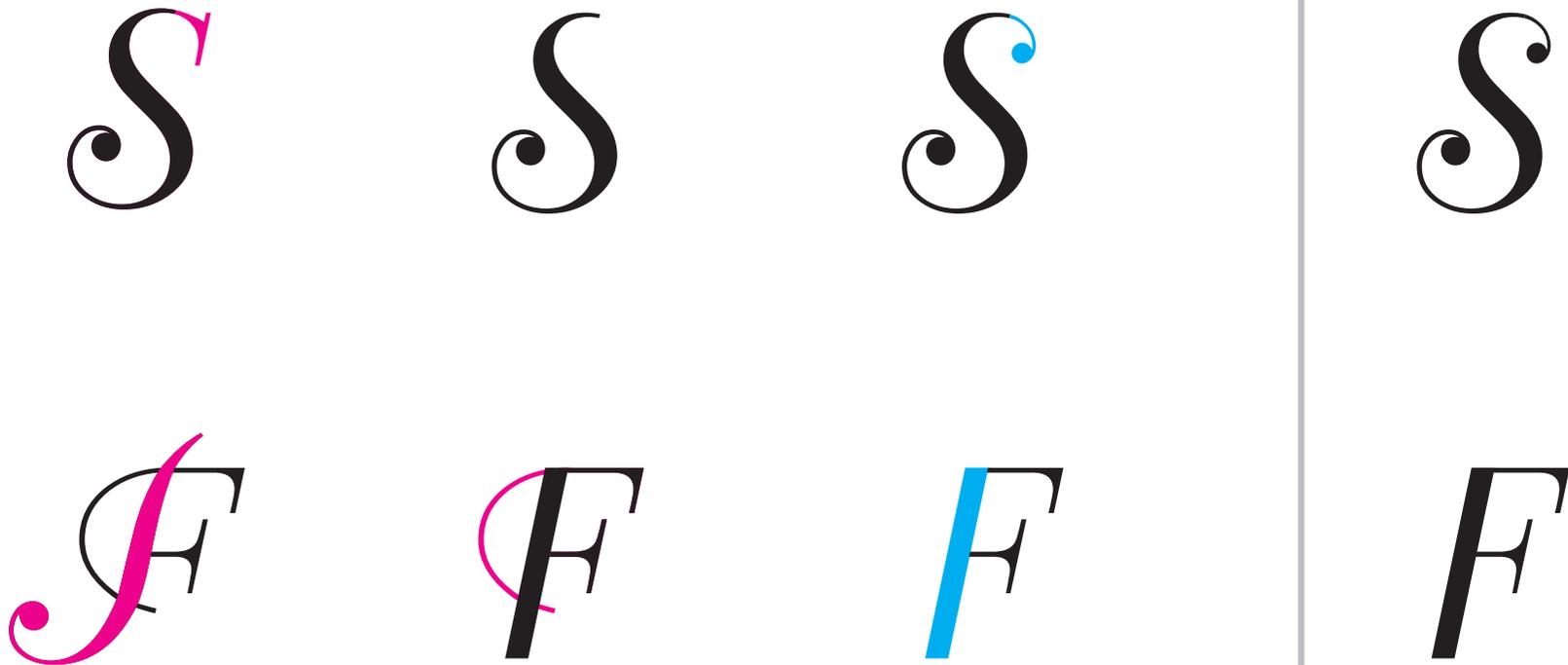
Projeto gráfico

- Monogramas

Processo

O processo de criação dos monogramas se deu através de redesenhos a partir da fonte já desenhada. As imagens abaixo exemplificam o processo de desenvolvimento de algumas letras que foram customizadas através da subtração

de elementos ou adição de outros. As formas sinalizadas na cor magenta são formas que foram subtraídas. Já aquelas na cor ciano, representam as formas que foram adicionadas.



■ adição de elemento

■ subtração de elemento

M

M

M

M

R

R

R

R

Projeto gráfico

- Monogramas

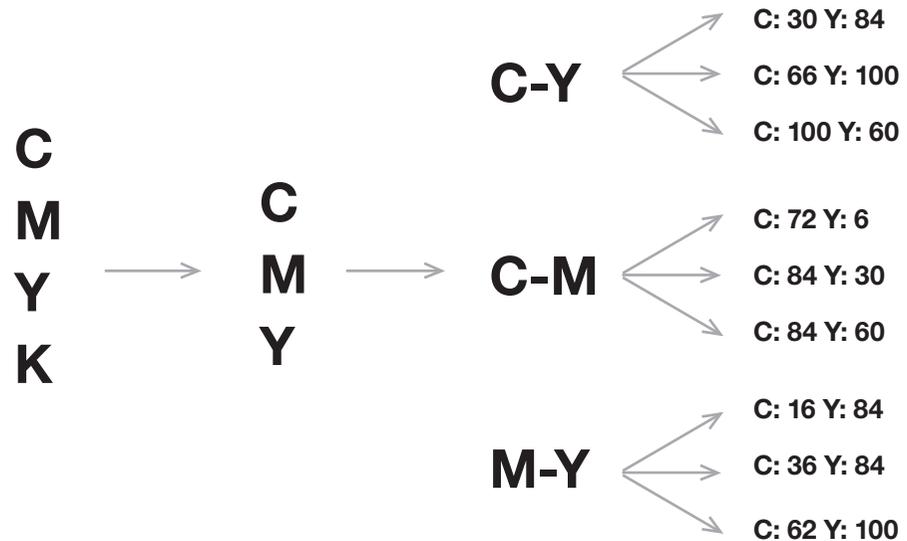
Estes são alguns exemplos de como os *layouts* das páginas de abertura são construídos. O monograma e o nome do autor recebem um grande destaque. O monograma ganha o primeiro plano da composição no *layout* e marca a entrada do autor. A fotografia aparece de forma secundária na composição.

Na próxima página, descreverei o uso da cor no projeto do livro e mais tarde, como os *layouts* funcionam com as cores aplicadas.



Projeto gráfico

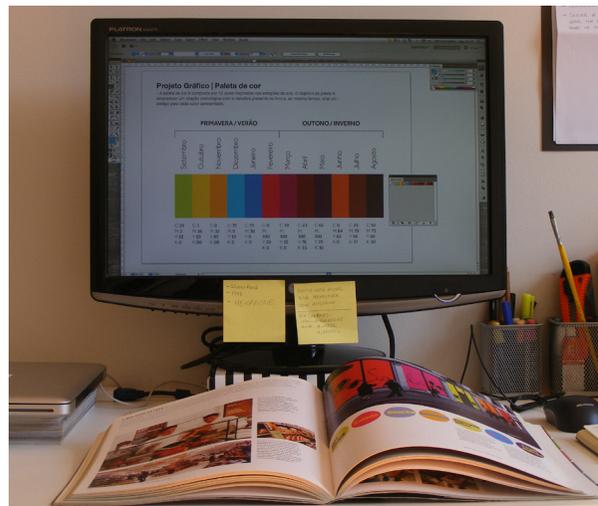
- Paleta de cor



O uso da cor no livro desempenha um papel em parceria com os monogramas, de modo a potencializar a diferenciação entre cada autor e manter, ainda, uma linguagem visual que os abraça.

Para isso, era necessário uma paleta de **12 cores**, isto é, 1 cor para cada autor.

Na paleta de cor desenvolvida, as cores são sempre formadas a partir da mistura de 2 cores da escala CMYK, excluindo o K e resultando em pares entre **C-Y**, **C-M**, e **M-Y**. As porcentagens que compõem as cores são escolhidas de modo a criar cores vibrantes e puras, respeitando as premissas já pré-estabelecidas na conceituação do partido gráfico. As composições respeitam uma regra de múltiplos de 6 para porcentagens de cor. Dessa forma, foi possível chegar à gradações coerentes que dialogam uma com as outras.



Projeto gráfico

- Paleta de cor

As imagens desta páginas são exemplos de projetos que influenciaram o desenvolvimento da paleta.

Na primeira imagem, a loja Harvey Nichols ganhou diversos prêmios por suas vitrines. Neste caso, o designer Matt Wingfield encheu painéis com grandes faixas de cor chapada, atraindo a atenção dos passantes antes de oferecer um espiada, pelos buracos, nas mercadorias em seu interior.

Faber & Faber é um dos editores de poesia mais importantes da Europa. Este desenho de suas capas de poesia, de Justus Oehler, da Pentagram, foi inspirado por uma série anterior de Berthold Wolpe. Combinações de cores atrevidas, tomando lugar de artes gráficas, foram escolhidas para expressar a atmosfera de cada livro. Os elementos de composição são restritos à tipografia e uso de cores chapadas.



1. Vitrine da loja Harvey Nichols em Londres, Inglaterra.



2. Coleção de livros de poesia desenvolvido pela Pentagram.

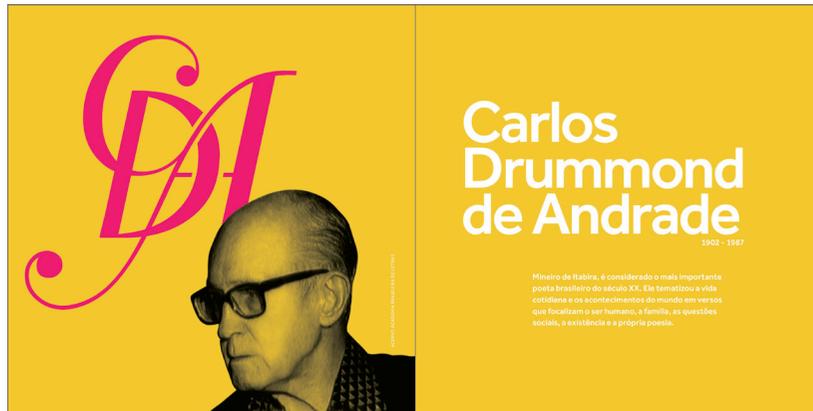
Paleta de cor Rio & crônicas:



C: -	C: -	C: -	C: 30%	C: 66%	C: 100%	C: -	C: 18%	C: 66%	C: 72%	C: 84%	C: 84%
M: 16%	M: 36%	M: 62%	M: -	M: -	M: -	M: 96%	M: 96%	M: 96%	M: 6%	M: 30%	M: 60%
Y: 84%	Y: 84%	Y: 100%	Y: 84%	Y: 100%	Y: 60%	Y: 30%	Y: -				
K: -	K: -	K: -	K: -	K: -	K: -	K: -	K: -	K: -	K: -	K: -	K: -

Projeto gráfico

- Abertura dos autores

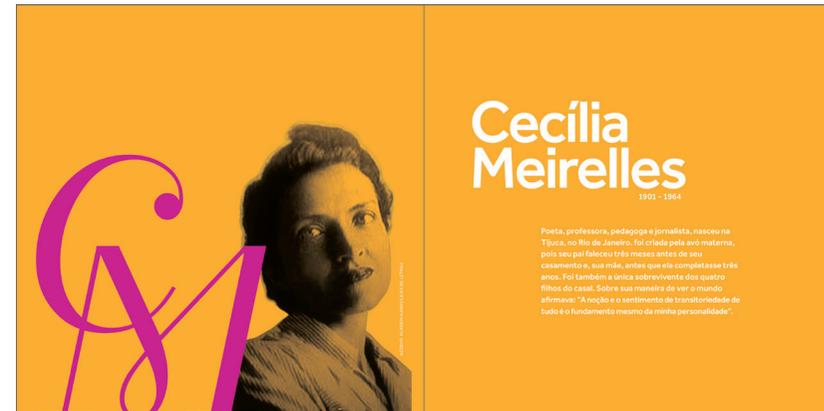


Book cover for Carlos Drummond de Andrade. The left side features a large, stylized pink 'DA' monogram and a black and white profile photograph of the author. The right side has a yellow background with the author's name and a short biography.

Carlos Drummond de Andrade

1902 - 1987

Mineiro de Itaboraí, é considerado o mais importante poeta brasileiro do século XX. Ele tematizou a vida cotidiana e os acontecimentos do mundo em versos que focalizam o ser humano, a família, as questões sociais, a existência e a própria poesia.



Book cover for Cecília Meirelles. The left side features a large, stylized purple 'CM' monogram and a black and white portrait of the author. The right side has an orange background with the author's name and a short biography.

Cecília Meirelles

1901 - 1964

Poeta, professora, pedagoga e jornalista, nasceu na Tijuca, no Rio de Janeiro. Foi criada pela avó materna, pois seu pai faleceu três meses antes de seu casamento, sua mãe, antes que ela completasse três anos. Foi também a única sobrevivente dos quatro filhos do casal. Sobre sua maneira de ver o mundo afirmou: "A noção e sentimento de transitoriedade de tudo é o fundamento mesmo da minha personalidade".



Book cover for Clarice Lispector. The left side features a large, stylized purple 'L' monogram and a black and white portrait of the author. The right side has an orange background with the author's name and a short biography.

Clarice Lispector

1920 - 1977

A menina Hêla nasceu em Tchetchelnik, na Ucrânia. Quando veio para o Brasil, em 1922, recebeu o nome que consagraria como uma das maiores escritoras brasileiras: Clarice Lispector. A literatura produzida pela autora surpreende por buscar a compreensão da consciência individual, marcada sempre pela grande introspecção dos personagens. Procurando analisar as características que constituem o indivíduo, a autora não se preocupa com a construção de um enredo tradicional estruturado, com começo, meio e fim.

Projeto gráfico

- Abertura dos autores



MdA

Machado de Assis
1839 - 1908

Foi um intelectual respeitado e influente. Em seus 69 anos de vida, nunca se afastou mais do que 120 quilômetros do Rio de Janeiro. No entanto, criou uma obra que retrata com perfeição a sociedade brasileira do Segundo Reinado. Fundou a Academia Brasileira de Letras, de qui foi aclamado presidente perpétuo.

Foto: Acervo do Museu Histórico Nacional



MF

Millôr Fernandes
1923

Considerado "um dos poucos escritores universais que possuímos", na opinião do crítico Fausto Cunha, Millôr Fernandes nasceu no subúrbio do Rio de Janeiro, com o nome de Milton Viola Fernandes. Sua certidão de nascimento, grafada à mão, fazia crer que seu nome era Millôr e não Milton. Desenhista, humorista, dramaturgo, escritor e tradutor, colaborou com os principais jornais brasileiros.

Foto: Acervo do Museu Histórico Nacional



MB

Manuel Bandeira
1886 - 1966

Nascido no Recife, mudou-se com a família para o Rio de Janeiro, onde permaneceu por quase toda sua vida. A poesia passou a representar uma saída para o desconsolo em que vivia o autor desde a descoberta de sua tuberculose. É através do exercício literário que o poeta reflete sobre a vida, fala sobre suas memórias de menino, registra cenas do cotidiano e, acima de tudo, aprende a lidar com a ameaça da doença e da morte.

Foto: Acervo do Museu Histórico Nacional

Projeto gráfico

- Abertura dos autores



The cover features a teal background. On the left, there is a black and white portrait of Rubem Braga. To the right of the portrait, the initials 'RB' are written in a large, yellow, stylized font. Further right, the name 'Rubem Braga' is printed in white, with the years '1913 - 1990' below it. A short biographical text is located at the bottom right of the cover.

Rubem Braga
1913 - 1990

Considerado por muitos o maior cronista brasileiro desde Machado de Assis, teve a característica singular de ser o único autor nacional de primeira linha a se tornar célebre exclusivamente através da crônica. Segundo o crítico Afrânio Coutinho, a marca registrada dos textos de Rubem Braga é a "crônica poética, na qual alia um estilo próprio a um intenso lirismo, provocado pelos acontecimentos cotidianos, pelas paisagens, pelos estados de alma, pelas pessoas, pela natureza.



The cover has a blue background. On the left, there is a black and white portrait of Sergio Porto. To the right of the portrait, the initials 'SP' are written in a large, yellow, stylized font. Further right, the name 'Sergio Porto' is printed in white, with the years '1923 - 1968' below it. A short biographical text is located at the bottom right of the cover.

Sergio Porto
1923 - 1968

Nasceu no Rio de Janeiro em pleno verão, ficou famoso anos depois sob o pseudônimo de Stanislaw Ponte Preta. Sua obra é caríssima, até hoje insuperável, transpondo para jornais, livros e revistas o saboroso coloquial do Rio de Janeiro. Seus estudiosos dizem que, na literatura, Sergio Porto encontrou seu grande filho: a irreverência.



The cover has a dark blue background. On the left, there is a black and white portrait of Vinicius de Moraes. To the right of the portrait, the initials 'VM' are written in a large, light blue, stylized font. Further right, the name 'Vinicius de Moraes' is printed in white, with the years '1913 - 1980' below it. A short biographical text is located at the bottom right of the cover.

Vinicius de Moraes
1913 - 1980

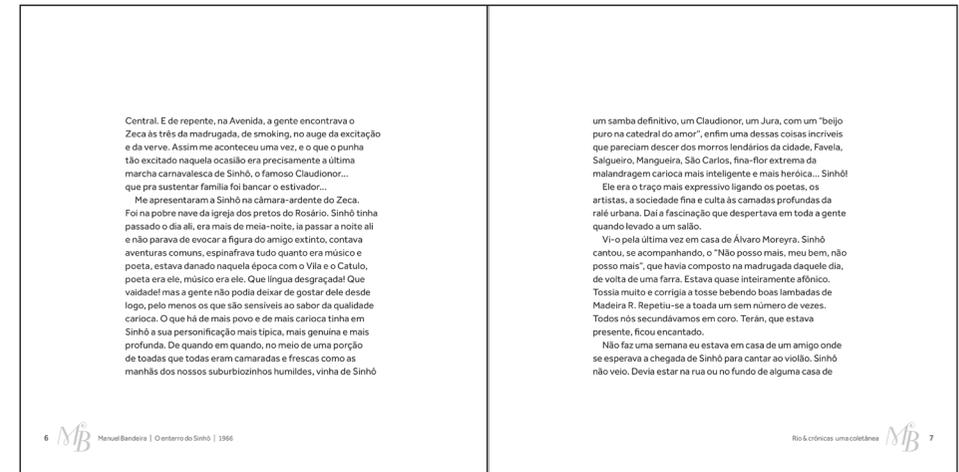
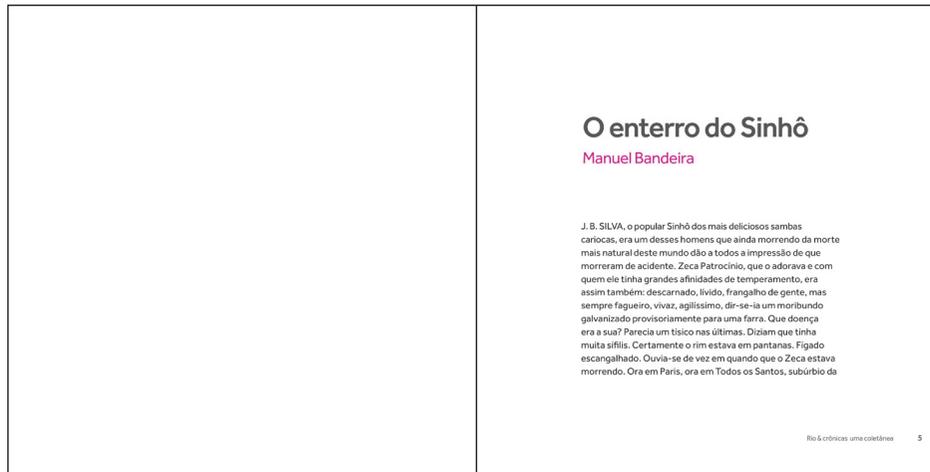
Definia-se como "um labirinto em busca de uma saída" e, para Carlos Drummond de Andrade, foi o único poeta brasileiro que ousou viver sob o signo da paixão. Adegado, diplomata, foi casado nove vezes e fez inúmeras viagens. Poeta, compositor e intérprete, constantemente apaixonado, viveu, na prática, o verso "que seja infinito enquanto dure" em tudo que fez.

Projeto gráfico

- Abertura do autor e texto corrido

Páginas internas

As próximas imagens são exemplos de páginas internas do livro. Após as páginas de abertura do autor, a crônica é iniciada em um *spread* com somente uma página preenchida. Nesta página, o título da crônica recebe destaque, seguido do nome do autor, texto e rodapé com o nome do livro. Em seguida, nas páginas de texto corrido, além do texto, o rodapé recebe o monograma, discretamente posicionado, que relembra o leitor a autoria de cada texto.



Projeto gráfico

- Abertura do autor e texto corrido



Chegou o outono

Rubem Braga

Não consigo me lembrar exatamente o dia em que o outono começou no Rio de Janeiro neste 1935. Antes de começar na folhinha ele começou na Rua Marquês de Abrantes. Talvez no dia 12 de março. Sei que estava com Miguel em um reboque do bonde Praia Vermelha. Nunca precisei usar sistematicamente o bonde Praia Vermelha, mas sempre fui simpaticante. É o bonde dos soldados do Exército e dos estudantes de Medicina.

Raras multas no reboque; liberdade de colocar os pés e mesmo esticar as pernas sobre o banco da frente. Os condutores são amenos, fatigaram-se naturalmente de advertir os soldados e estudantes quando acontece alguma

coisa eles suspiram e tocam o bonde. Também os locos mansos viajam ali, rumo do hospício. Nunca viajou naquele bonde um empregado da City Improvements Company: Praia Vermelha não tem esgotos. Oh, a City! Assim mesmo se vive na Praia Vermelha. Essenciais são os esgotos da alma. Nossa pobre alma inesgotável! Mesmo depois do corpo dar com o robo na cerca e parar no buraco do chão para ficar podre, ela, segundo consta, fica esvoaçando pra cá, pra lá. Umás vão ouvir Francesca da Rimini declamar versos de Dante, outras preferem a harpa de Santa Cecília. A maioria vai para o Purgatório. Outras perambulam pelas sessões espíritas, outras à meia-noite puxam o vosso pé, outras no firmamento viram estrelinhas. Os soldados do Exército não podem olhar as estrelas: lembram-se dos generais. Lá no céu tem três estrelas, todas três em carreirinha. Uma é minha, outra é sua. O cantor tem pena da que vai ficar sozinha. Que faremos, oh meu grande e velho amor, da estrela disponível? Que ela fique sendo propriedade das almas errantes. Nossas pobres almas erradas!

Eua no reboque, e o reboque tem vantagens e desvantagens. Vantagem é poder saltar ou subir de qualquer lado, e também

a melhor ventilação. Desvantagem é o encosto reduzido. Além disso os vossos joelhos podem tocar o corpo da pessoa que vai no banco da frente; e isso tanto pode ser doce vantagem Como triste desvantagem. Eu havia tomado o bonde na Praça José de Alencar; e quando entramos na Rua Marquês de Abrantes, rumo de Botafogo, o outono invadiu o reboque. Invadiu e bateu no lado esquerdo de minha cara sob a forma de uma folha seca. Além dessa folha veio um vento, e era o vento do outono. Muitos passageiros do bonde suavam.

No Rio de Janeiro faz tanto calor que depois que acaba o calor a população continua a suar gratuitamente e por força do hábito durante quatro ou cinco semanas ainda.

Percebi com uma rapidez espantosa que o outono havia chegado. Mas eu não tinha relógio, nem Miguel. Tentei espiar as horas no interior de um botequim, nada conseguindo. Olhei para o lado. Ao lado estava um homem decentemente vestido, com cara de possuidor de relógio.

— O senhor pode ter a gentileza de me dar as horas?

Ele espantou-se um pouco e, embora sem nenhum ar gentil, me deu as horas: 13:48. Agradei e murmurei: "chegou

o outono". Ele deve ter ouvido essa frase tão lapidar, mas aparentemente não ficou comovido. Era um homem simples e tudo o que esperava era que o bonde chegasse a um determinado posto.

Chegava o outono. Vinha talvez do mar e, passando pelo nosso reboque, dirigia-se apressadamente ao centro da cidade, ainda ocupado pelo verão. Ele não vinha soluçando les sanglots longes des violons de Verlaine, vinha com tosse, na quaresma da cidade gripada.

As folhas secas davam pulinhos ao longo da sarjeta; e o vento era quase frio, quase morno, na Rua Marquês de Abrantes. E as folhas eram amarelas, e meu coração soluçava, e o bonde roncava.

Passamos diante de um edifício de apartamentos cuja construção está paralisada no mínimo desde 1930. Era iminente a entrada em Botafogo; penso que o resto da viagem não interessa ao grosso público. O próprio começo da viagem creio que também não interessou. Que bem me importa.

O necessário é que todos saibam que chegou o outono. Chegou às 13:48 horas, na Rua Marquês de Abrantes, e continua em vigor. Em vista do que, ponhamos-nos melancólicos.

Páginas de conteúdo pré-textual:

Falsa folha de rosto

* As páginas do livro, na íntegra, podem ser conferidas através do material arquivado, em CD, anexado a este relatório.



Páginas de conteúdo pré-textual:

Folha de rosto



Páginas de conteúdo pré-textual:

Sumário

Carlos Drummond *Areia branca* 10
Cecília Meireles *Depois do Carnaval* 16
Clarice Lispector *A antiga dama* 22
Fernando Sabino *O Bar da esquina* 28
João do Rio *A pintura das Ruas* 36
Lima Barreto *Ontem e hoje* 48

Autores e crônicas

Machado de Assis *Bons dias! 29 de Julho* 54
Manuel Bandeira *O enterro do Sinhô* 60
Millôr Fernandes *O Carioca É. Antes de tudo.* 68
Rubem Braga *Chegou o outono* 74
Sergio Porto *Não sei se você se lembra* 80
Vinicius de Moraes *O Estado da Guanabara* 86

Páginas de conteúdo pré-textual:

Folha de apresentação

Apresentação

O livro **Rio & crônicas uma coletânea** tem como objetivo resgatar a produção literária clássica carioca, trazendo textos de autores consagrados que, de alguma forma, se relacionam com a cidade do Rio de Janeiro.

É uma leitura de valor para aqueles que possuem interesse na cidade e desejam conhecê-la, não só através de imagens mas também por textos.

As crônicas apresentadas no livro retratam o cotidiano vivido na cidade em diferentes épocas, através das palavras de grandes escritores. Desejo ao leitor um bom passeio pelo Rio.

Páginas de conteúdo pré-textual:

Folha de publicações (final do livro).

Nesta folha, é catalogado o nome do livro em que a crônica foi originalmente publicada e sua editora.

Publicações

Carlos Drummond de Andrade

Areia Branca, *A Bolsa & A Vida*,
Editora Record.

Cecília Meireles

Depois do Carnaval, *Quatro vozes*,
Editora Record.

Clarice Lispector

A antiga Dama, *A descoberta do mundo*,
Editora Rocco.

Fernando Sabino

O Bar da esquina, *A chave do enigma*,
Editora Record.

João do Rio

A pintura das Ruas, *A alma encantadora das ruas*,
Editora Garnier.

Lima Barreto

Ontem e hoje, *Vida Urbana*,
Editora Brasiliense.

Machado de Assis

Bons dias! 29 de Julho,
Jornal Gazeta de notícias

Manuel Bandeira

O enterro do Sinhô, *Os reis vagabundos e mais 50 crônicas*,
Editora do Autor.

Millôr Fernandes

O Carioca É, Antes de Tudo. *Que país é este?*
Editora Nórdica.

Rubem Braga

Chegou o outono, *200 crônicas escolhidas*,
Editora Sabiá.

Sergio Porto

Não sei se você se lembra, *Garota linha dura*,
Editora do Autor.

Vinicius de Moraes

Estado da Guanabara, *Para viver um grande amor*,
Editora do Autor.

Páginas de conteúdo pré-textual:

Folha catalográfica (final do livro).

Este livro é resultado do projeto de conclusão de curso da Escola Superior de Desenho Industrial - ESDI, desenvolvido pelo aluno Rafael Medeiros França.

CAPA

PROJETO GRÁFICO

ORGANIZAÇÃO

Rafael Medeiros França

AGRADECIMENTOS

Elianne Jobim

Noni Geiger

Impresso no Brasil

Este livro foi composto em tipos Effra

O texto deste livro obedece às normas ortográficas vigentes na época em que as crônicas foram publicadas.



Projeto gráfico

- Assinatura

Assinatura Rio & crônicas; uma coletânea

Com a intenção de tornar o projeto mais consistente, foi desenvolvida uma assinatura visual para o título “Rio & crônicas uma coletânea”.

No desenvolvimento do logotipo, era preciso sintetizar e introduzir um pouco da linguagem visual presente no livro. Para isso, foi feito o uso da tipografia “Effra” para o texto, combinada a um ampersand redesenhado com base nas curvas da fonte Bahia script (a mesma utilizada nos monogramas).

Foram criados diversos estudos para se chegar a um resultado final satisfatório. Desde os primeiros estudos até o resultado final, foi percebida a necessidade de redesenhar a letra ampersand pois a original da fonte Bahia script tem um desenho muito próximo ao de uma clave musical e dava ao logotipo uma interpretação musical que não era desejada. Além disso, a assinatura passou a ser composta pela família *Bold* da fonte “Effra”, dialogando melhor com os estilos tipográficos utilizados na composição dos layouts do livro.

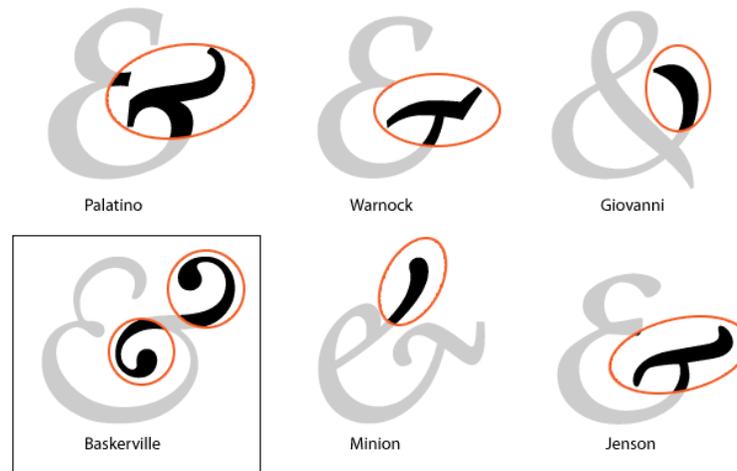
Imagens referentes aos primeiros estudos:



Ampersand

Durante o processo de criação desse novo ampersand, era preciso distanciar suas formas das formas de uma clave musical. Foi feita uma pesquisa de diferentes desenhos do caracter ampersand de fontes consagradas.

As formas da letra ampersand da fonte Baskerville inspiraram o desenvolvimento do novo desenho.



Processo de redesenho em etapas:



Projeto gráfico

- Assinatura

Alguns estudos:

Rio &
Crônicas
uma coletânea

Rio & uma coletânea
Crônicas

Solução para o logotipo final:

Rio &
crônicas
uma
coletânea

Projeto gráfico

- Assinatura

Malha construtiva:



C:0 M:0 Y:0 K:100%



C:0 M:0 Y:0 K:60%

Cores aplicadas:



C:0 M:16% Y:84% K:0



C:100% M:0 Y:60% K:0



C:0 M:62% Y:100% K:0



C:0 M:96% Y:30% K:0

Projeto gráfico

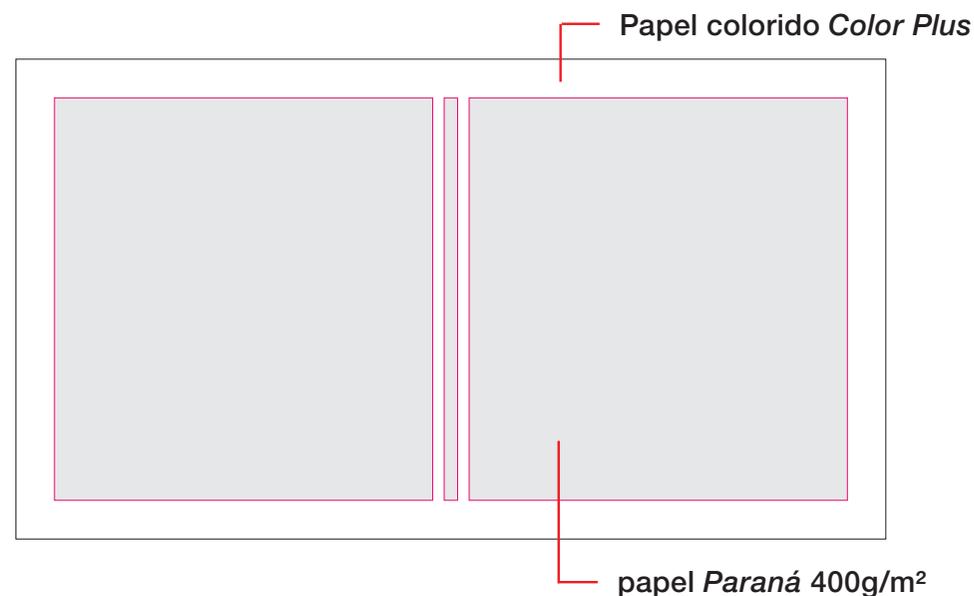
- Capa e encadernação

Encadernação em capa dura

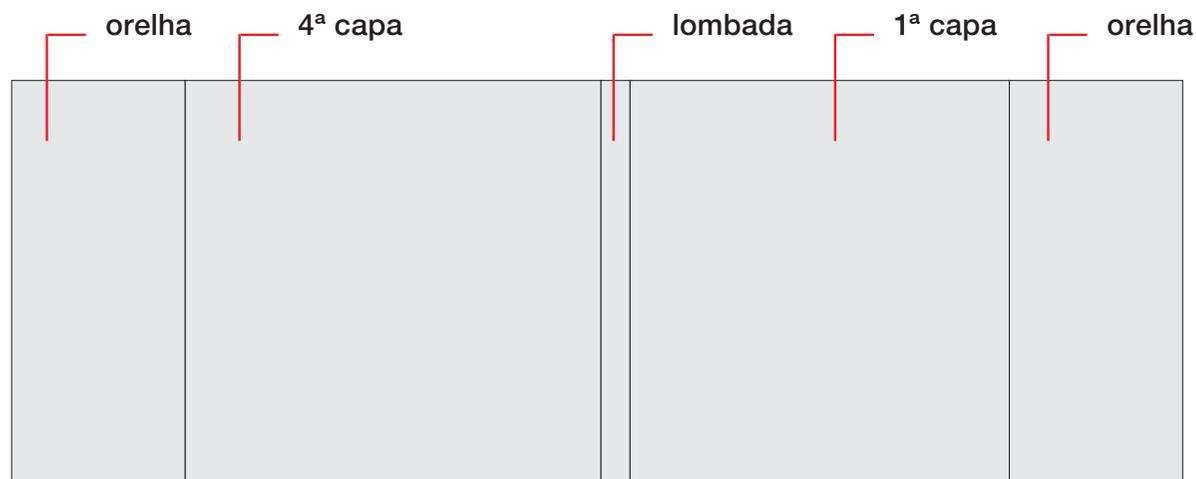
Esse tipo de encadernação é chamado de editorial. A capa é estruturada com 3 retângulos de papelão que formam, com a aplicação de revestimento, o que é chamado de: pasta frontal, pasta traseira e lombada. A lombada pode ser quadrada ou arredondada. As pastas podem ser revestidas em couro, tecido ou papel impresso. Neste projeto, as pastas de papelão são de papel *Paraná* 400g/m² e revestidas com papel *Color Plus* 200g/m² de cor laranja. As guardas são coladas sobre o reforço do papelão cinza e têm a função de prender o miolo do livro à capa dura.

O título do livro é impresso em *silk-screen* no papel que reveste as pastas. E a capa dura é, por sua vez, revestida por uma sobrecapa protetora.

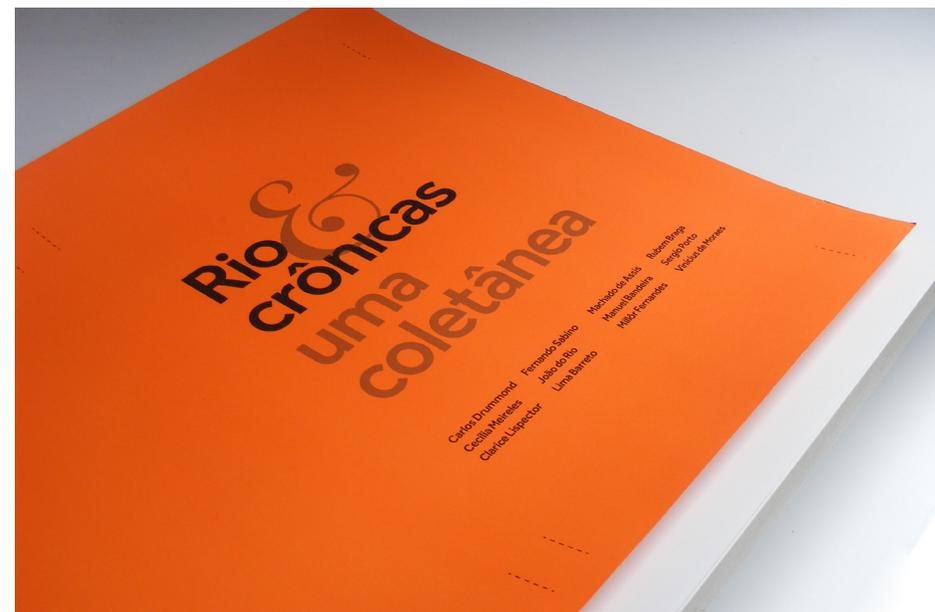
Vista da capa dura:



Vista da sobrecapa:



Imagens do processo de construção da capa dura.



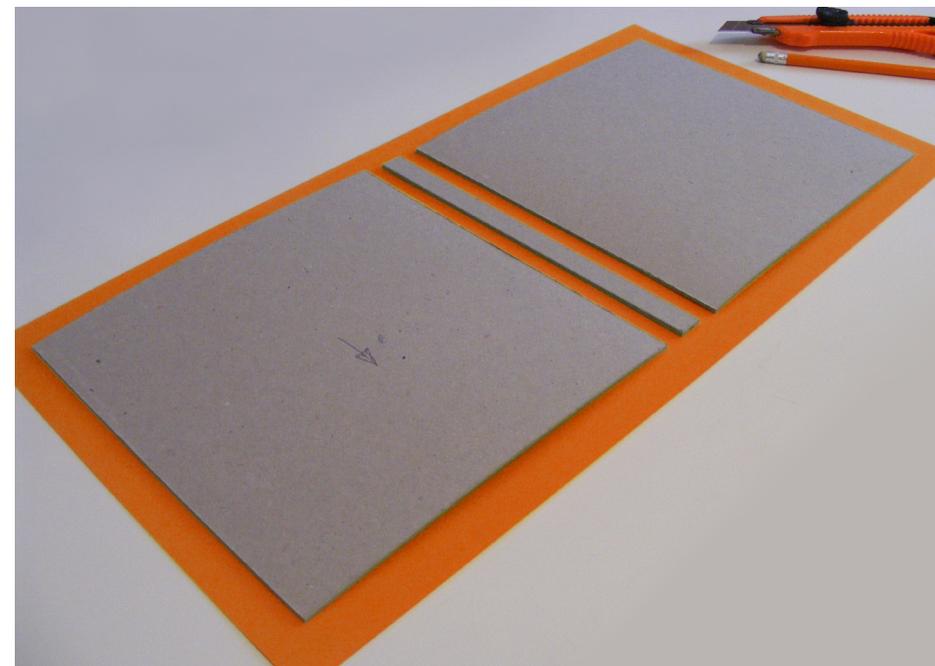
Sobrecapa

As sobrecapas foram originalmente concebidas para proteger a encadernação antes da venda, mas tornaram-se parte integrante dos livros de capa dura e alguma brochuras. Elas dão ao designer mais uma oportunidade de envolver a capa dura do livro e de exercitar a sua criatividade.

Neste projeto, a sobrecapa recebe o título do livro, o nome dos autores que compõem a coletânea e textos de apresentação na quarta capa e orelhas.

Miolo

O miolo do livro foi impresso por impressão digital em papel *Couché* fosco de gramatura 115g/m² e recebeu encadernação *“hot melt”*. Neste processo, o livro é impresso em folhas soltas e, após reunidas, são coladas pela lombada.



Projeto gráfico

- A capa

1.



Capa, sobrecapa e guardas

Esses três elementos que compõem a parte que estrutura o miolo do livro estão apresentados no esquema ao lado em ordem numérica.

A sobrecapa é a peça que traz mais informação, pois é através dela que o leitor estabelece seu primeiro contato com o livro.

A capa dura mantém o *layout* da sobrecapa e surpreende o leitor pelo uso de um material diferenciado. Ela se torna interessante pela cor vibrante do papel especial utilizado e acompanha o restante da paleta de cores sempre vibrantes.

Para as guardas, foi criado um *pattern* com todos os monogramas que representam os autores. Os monogramas reunidos, além do resultado gráfico interessante, simbolizam a união dos grandes autores no livro, traduzindo a ideia de coletânea.

2.

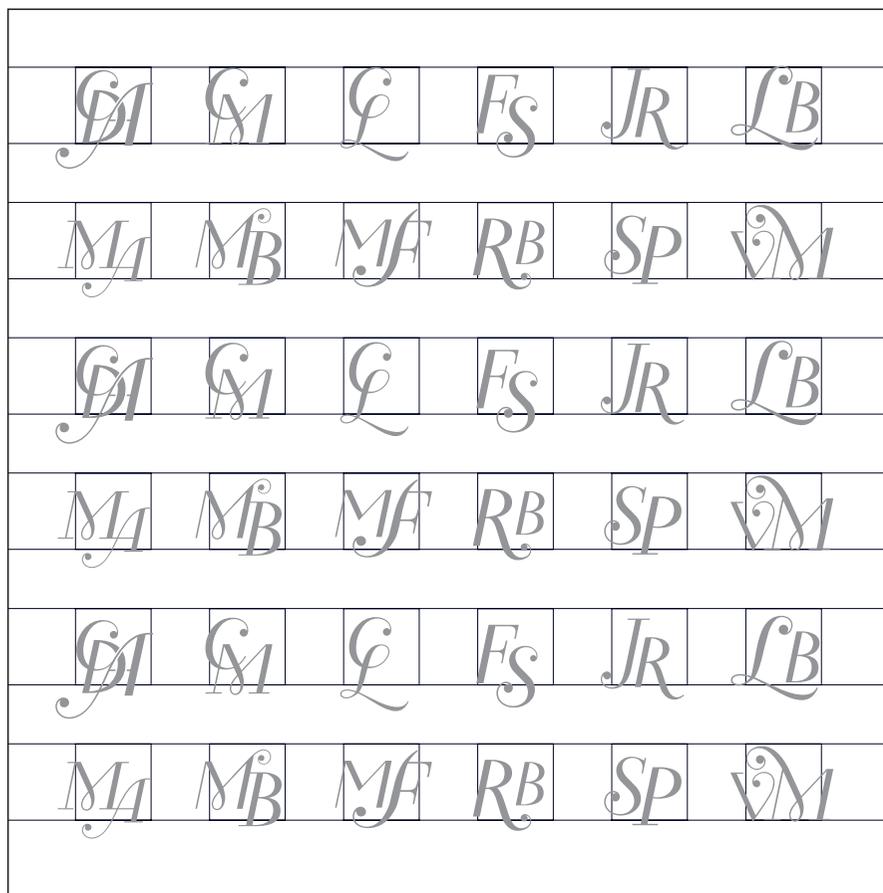


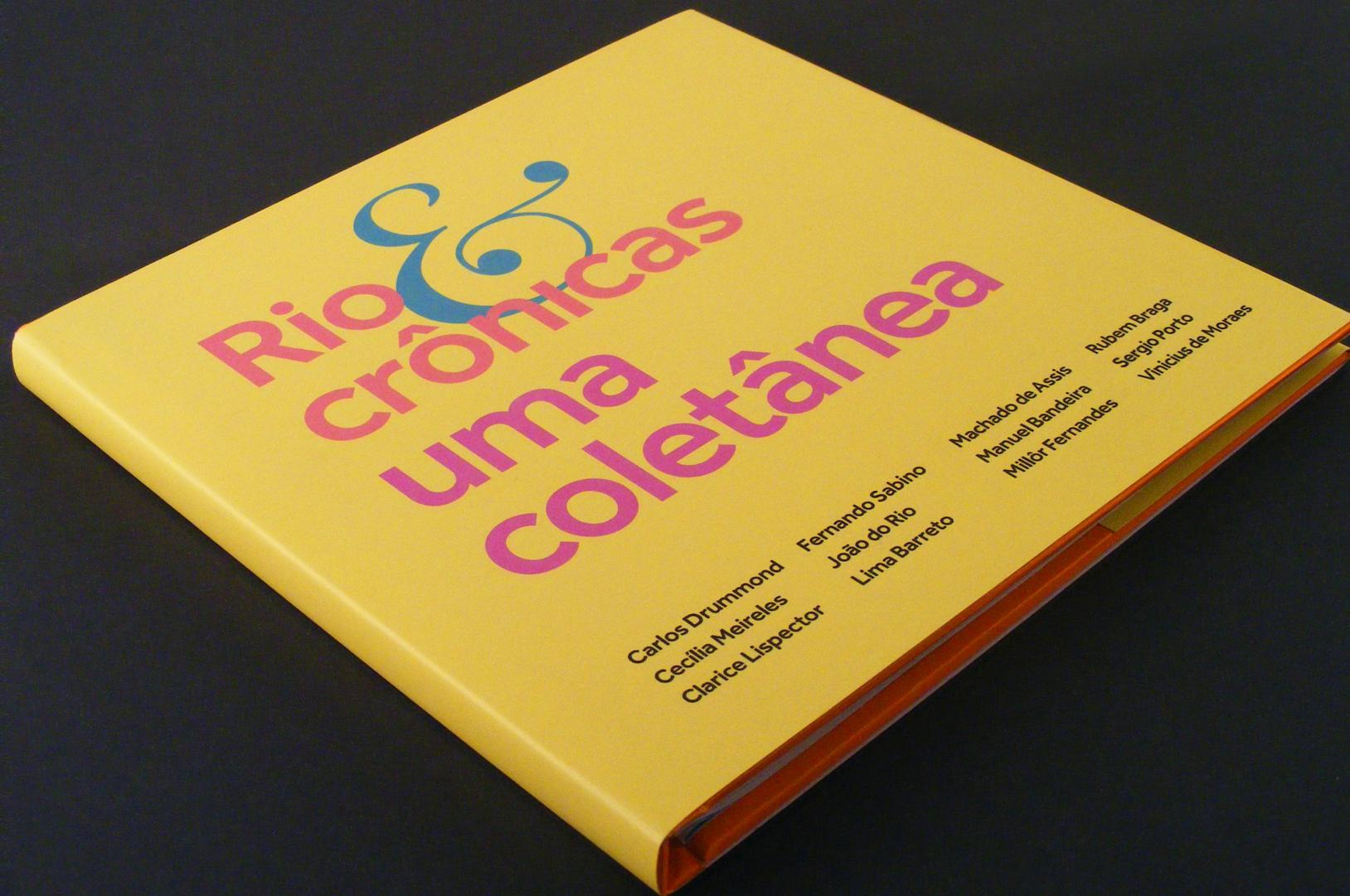
3.



Projeto gráfico

- A capa







Rio Crônicas

uma
coletânea

Carlos Drummond
Cecília Meireles
Clarice Lispector

Fernando Sabino
João do Rio
Lima Barreto

Machado de Assis
Manuel Bandeira
Millôr Fernandes

Rubem Braga
Sergio Porto
Vinicius de Moraes







Anexos

- Crônicas selecionadas

Areia branca. (Carlos Drummond de Andrade)

O lotação ia de Copacabana para o centro, com lugares vazios, cada passageiro pensando em sua vida; é o gênero de transporte onde menos viceja a flor da comunicação humana. Quando, em Botafogo, ouviu-se a voz de um senhor lá atrás:

— Olhe aqui, vou atender a você, mas não faça mais isso, ouviu? É muito feio pedir dinheiro aos outros. Na sua idade, eu já dava duro e ajudava em casa. E passou a nota ao rapazinho de quinze anos, se tanto, que a recolheu com humildade. O homem continuava, agora dirigindo-se a outro passageiro:

— Está vendo? Fica essa garotada aí vivendo de expediente, encontra uns sujeitos como eu, que vão na conversa, e depois...

— Isso é um país sem solução, comentou o vizinho.

Não há escola profissional para os meninos, andam jogados ao deus-dará, enquanto o governo só faz besteira. Não vê o porta-aviões? O rapazinho não parecia interessado na crítica ao Governo, e mudou de lugar. Foi para junto de outro senhor e expôs-lhe o problema, baixinho.

— Como é?

— Areia Branca. Lá é minha terra. Tou querendo voltar, falta só 27 cruzeiros...

O homem puxou lentamente a carteira, lentamente extraiu uma nota, passou-a ao rapazinho.

— Está vendo? comentou o senhor do fundo.

— Aquele ali caiu também, quem é que não cai? Aposto que esse menino não vai pedir àquela senhora da esquerda. Mulher não vai na onda, só tem pena de aleijado e de velhinho.

De fato, o postulante deixou de lado a senhora e a moça que havia no carro, e foi contar a história mais adiante (com êxito) a outro representante do sexo frágil, isto é, masculino.

— Oba! Já tenho 20, daqui a pouco posso ir para Areia Branca.

E foi sentar-se ao lado de outro jovem que, pelos cadernos de capa grossa na mão, se revelava colegial.

Aqui se encontram todas as crônicas que foram reunidas na coletânea, em ordem alfabética dos nomes dos autores. Todos os textos obedecem às normas ortográficas vigentes na época em que foram publicados.

— Quer me ajudar? Então inteire minha passagem para Areia Branca.

Não era pedido; era recomendação, em tom natural, tão natural que o estudante não discutiu. Sacou do bolso o macinho de notas miúdas - dinheiro do sorvete e da volta, contou-as uma por uma, e estendeu cinco.

— Se você quer ajudar, inteira logo. Mais dois.

O outro passou-lhe os dois, que esperara inutilmente salvar da requisição, e, à guisa de agradecimento, o beneficiado esticou o dedo:

— Espia só o mar: que estouro! Areia Branca é do outro lado.

E levantou-se mais uma vez, foi ao motorista, curvou-se, passou-lhe o braço nas costas, numa conversa particular e macia. O senhor de trás, moralista e observador implacável, ia-lhe acompanhando as evoluções:

— Olha só o garoto. Aposto que cantou o motorista para uma carona.

O motorista, de queixo comprido, lembrando agradavelmente o velho atacante Ademir, sem volver o rosto, foi dizendo:

— Cai fora, coisinha.

— Eu não disse? comentou o de trás, satisfeito com a própria agudeza.

O lotação parou, o meninote desceu. Ai, intervém a senhora, até então muda e queda como penedo:

— Garanto que agora ele vai tomar outro lotação para Copacabana, e repetir o golpe.

— Não duvido nada. Secundou o moralista, meio desapontado porque não lhe havia ocorrido esse desenvolvimento.

O rapazinho atravessou a rua, era no contorno do Morro da Viúva, e parou à espera, na calçada.

— Vejam só. Continuava exclamando o homem.

— Vem com essa conversa de Areia Branca, Areia Branca, um nome tão poético, lembra o Caymmi, a gente não resiste mesmo. Se ele dissesse que queria voltar para Areia Preta, essa não, eu pensava naquela praia do Espírito Santo, em reumatismo, não soltava um níquel. Mas Areia Branca, esse moleque é impossível!

Depois do Carnaval (Cecília Meireles)

Terminado o Carnaval, eis que nos encontramos com os seus melancólicos despojos: pelas ruas desertas, os pavilhões, arquibancadas e passarelas são uns tristes esqueletos de madeira; oscilam no ar farrapos de ornamentos sem sentido, magros, amarelos e encarnados, batidos pelo vento, enrodilhados em suas cordas; torres coloridas, como desmesurados brinquedos, sustentam-se de pé, intrusas, anômalas, entre as árvores e os postes. Acabou-se o artifício, desmanchou-se a mágica, volta-se à realidade.

À chamada realidade. Pois, por detrás disto que aparentamos ser, leva cada um de nós a preocupação de um desejo oculto, de uma vocação ou de um capricho que apenas o Carnaval permite que se manifestem com toda a sua força, por um ano inteiro contida.

Somos um povo muito variado e mesmo contraditório: o que para alguns parecerá defeito é, para outros, encanto. Quem diria que tantas pessoas bem comportadas, e aparentemente elegantes e finas, alimentam, durante trezentos dias do ano, o modesto sonho de serem ursos, macacos, onças, gatos e outros bichos? Quem diria que há tantas vocações para índios e escravas gregas, neste país de letrados e de liberdade?

Por outro lado, neste chamado país subdesenvolvido, quem poderia imaginar que há tantos reis e imperadores, princesas das Mil e Uma Noites, soberanos fantásticos, banhados em esplendores que, se não são propriamente das minas de Golconda, resultam, afinal, mais caros: pois se as gemas verdadeiras têm valor por toda a vida, estas, de preço não desprezível, se destinam a durar somente algumas horas.

Neste país tão avançado e liberal, segundo dizem, há milhares de corações imperiais, milhares de sonhos profundamente comprimidos mas que explodem, no Carnaval, com suas anquinhas e casacas, cartolas e coroas, mantos roçagantes (espanejemos o adjetivo), cetros, luvas e outros acessórios.

Aliás, em matéria de reinados, vamos do Rei do Chumbo ao da Voz, passando pelo dos Cabritos e dos Parafusos: como se pode ver no catálogo telefônico. Temos

impérios vários, príncipes, imperatrizes, princesas, em etiquetas de roupa e em rótulos de bebidas. É o nosso sonho de grandeza, a nossa compensação, a valorização que damos aos nossos próprios méritos...

Mas, agora que o Carnaval passou, que vamos fazer de tantos quilos de miçangas, de tantos olhos faraônicos, de tantas coroas superpostas, de tantas plumas, leques, sombrinhas...?

“Ved de quán poco valor
Son las cosas tras que andamos
Y corremos...”

dizia Jorge Manrique. E no século XV! E falando de coisas de verdade! Mas os homens gostam da ilusão. E já vão preparar o próximo Carnaval...

A antiga dama (Clarice Lispector)

Morava numa pensão da Rua São Clemente. Era volumosa, e cheirava a quando a galinha vem meio crua para a mesa. Tinha cinco dentes e a boca seca, árida.

Sua reputação passada não fora inventada: ainda falava francês com quem tivesse oportunidade, mesmo que a pessoa também falasse português e preferisse não corar com a própria pronúncia. A ausência de saliva tirava-lhe qualquer volubilidade da voz, dava-lhe uma contenção. Havia majestade e soberania naquele grande volume sustentado por pés minúsculos, na potência dos cinco dentes, nos cabelos ralos que, escapando do coque magro, esvoaçavam à menor brisa.

Mas houve a segunda-feira de manhã em que ela, em vez de sair de seu minúsculo quarto, veio da rua. Estava lisa e com o pescoço claro, sem nenhum cheiro de galinha. Disse que passara o domingo na casa do filho, onde pernoitara. Estava de vestido preto de um cetim já fosco. Em vez de ir para o quarto mudar de roupa, vestir um de seus vestidos de algodão barato, e ser apenas uma pessoa sozinha que mora numa pensão, sentou-se na sala de visitas, prolongando o domingo, e disse que a família era a base da sociedade. A propósito de qualquer coisa, referiu-se de passagem a um banho de imersão que tomara na confortável banheira da nora – o que explicava a sua falta de cheiro e o pescoço não encardido. Deixando sem jeito os pensionistas ainda de pijama e robe, ficou sentada horas junto ao jarro da sala, só tendo conversas adequadas a um suposto salão invisível.

De tarde, via-se que os sapatos abotinados já lhe apertavam demais os pés. Continuou, porém, de dama na sala de visitas, levantada a grande cabeça de profeta. Mas, na hora em que elogiou o jantar magnífico da casa do filho, seus olhos se fecharam de náusea. Depressa foi para o banheiro, ouviram-na vomitar, recusou ajuda quando lhe bateram à porta do quartinho.

Na hora do jantar, apareceu e pediu apenas uma xícara de chá: estava de olheiras marrons, com o largo vestido de estampadinho de ramagem, e de novo sem cinta e soutien. O que ainda restara de estranho era a pele mais clara. Alguns pensionistas evitaram olhá-la e à sua derrota. Não falou com ninguém. O Rei Lear. Estava quieta, grande, despenteada, limpa. Fora feliz inutilmente.

O bar da esquina (Fernando Sabino)

A designação de bar sugere características que o lugar não tinha – e não tem; continua lá até hoje, na Avenida Copacabana, esquina da Francisco Sá. Embora eu já não seja assíduo, creio que nada, além dos freqüentadores, haja mudado.

É um balcão semicircular ao longo da esquina, no qual se serve tudo, do café ao sanduíche de presunto, passando por um traçado para os adeptos.

Em geral não bebíamos, a não ser um raríssimo chope. Tomávamos mesmo era um cafezinho, ou vários, três, quatro, renovando o pretexto de estarmos ali de conversa noite adentro, pois nem o café era lá essas coisas. Carlos Castello Branco, Evandro Carlos de Andrade, Fernando Lara Resende, Cláudio Mello e Souza, Autran Dourado, Wilson Figueiredo, Carlos Alberto Tenório, Pedro Gomes – estes e outros, não necessariamente ao mesmo tempo, faziam parte da patota do Bar Bico, aberto dia e noite. De preferência à noite, até a madrugada. Éramos quase todos homens de jornal, e os jornais naquela época fechavam tarde, nunca liberando o pessoal antes de 11 horas, meia-noite.

Ao fim de duas horas de papo, já estávamos mortos de sono, em pé “como cavalo velho de rifa em barraquinha do interior” (na imagem de Marco Aurélio Matos, também freqüentador assíduo). Quando nos dispúnhamos finalmente a ir para casa, surgia outro, trazendo bagagem nova de assuntos. Não tinha cabimento passar a noite inteira de pé, conversando fiado. Concordávamos com ele, mas estávamos ali apenas por alguns minutos, não era isso mesmo? Só mais um cafezinho para virgular o papo... E íamos ficando.

Otto Lara Resende – o que mais tempo nos retinha, arrastandonos até o sol nascer com o sortilégio da sua boa conversa. Era também o que mais reclamava contra o tardio da hora, protestando sempre que já devia estar em casa há muito tempo. Certa época chegou mesmo a estabelecer com sua mulher um sistema de multas progressivas, como nos estacionamentos rotativos; pagaria a ela uma quantia preestabelecida por toda meia hora que excedesse a meia-noite. Era o limite que impunha a si mesmo, prometendo de trinta em trinta minutos não ultrapassá-lo um minuto sequer. Antes de iniciar novo assunto, perguntava-nos as horas. Certa noite,

éramos três numa daquelas conversas de nos deixar com a língua de fora, quando um vulto se deteve no meio da rua e pôs-se a gritar:

- Faltam cinco para as duas.
- Bem - conformava-se ele, com um suspiro.
- Então lá se vão mais cem pratos. Mas este caso que eu vou contar vale bem outra meia hora.

Despedia-se, enfim, de todos, quando via alguém mais se aproximando, o Borjalo, que morava ali perto, ou o Armando Nogueira, ou ambos. Era Burle Marx, o paisagista, que raramente aparecia:

- Só faltava esta, lastimava-se ele.
- Com esses dois eu hoje vou à falência.

Paulo Mendes Campos era outro que sempre aparecia, em geral indo para algum lugar onde se pudesse sentar e tomar coisa melhor. Segundo sustentava, não tinha cabimento passar a noite inteira de pé, conversando fiado. Concordávamos com ele, mas estávamos ali apenas por alguns minutos, não era isso mesmo? Só mais um cafezinho para virgular o papo... E íamos ficando.

Certa noite, éramos três, numa daquelas conversas de nos deixar com a língua de fora, quando um vulto se deteve no meio da rua e pôs-se a gritar:

- Paulo! Otto! Fernando! Que coisa antiga, minha Nossa Senhora!

Ficamos apreensivos, pois ali perto já funcionava uma delegacia de polícia: não fossem nos prender, por conta de semelhante atoarda com o nosso nome no silêncio da madrugada. Era Burle Marx, o paisagista, que raramente aparecia:

- Vocês três conversando aí nessa esquina a noite toda! Há quantos anos isso, meu Deus! Vão para casa, que vocês não têm mais nada que conversar! Que coisa antiiga!

Para Rubem Braga, entretanto, o exemplo mais acabado de dissipação era passar a noite inteira junto a um café em pé discutindo futebol com o próprio pai, como fazia o crítico de cinema Moniz Viana.

Sobre o quê conversávamos? Sobre futebol, política, literatura, anedotas, amenidades. Tudo o que pode fazer o melhor da convivência entre amigos, que é o

próprio sal da terra. Uma conversa enfiada na outra, abrangendo uma generalidade de assuntos que fossem do interesse de todos.

E de todos sei o destino que tiveram. Venceram na vida, casaram e mudaram. Mas continuam meus amigos e, desafiando os prudentes conselhos de Burle Marx, que coisa antiiga! a conversa também continua. Não mais no Bar Bico, mas onde quer que eu os encontre hoje em dia, ainda que sejam apenas figuras nascidas da lembrança, na solidão da noite...

A pintura das Ruas (João do Rio)

Há duas coisas no mundo verdadeiramente fatigantes: ouvir um tenor célebre e conversar com pessoas notáveis. Eu tenho medo de pessoas notáveis. Se a notabilidade reside num cavalheiro dado à poesia, ele e Lecomte de Lisle, ele e Baudelaire, ele e Apolônio de Rodes desprezam a crítica e o Sr. José Veríssimo; se o sucesso acompanha o indivíduo dado à crítica, este país é uma cavaliçã sem palafreiros; e se por acaso a fama, que os romanos sábios confundiam com o falso boato, louva os trabalhos de um pintor, ele como Mantegna, ele como Leonardo Da Vinci, ele como todos os grandes, tem uma vida de tormentos, de sacrifícios, de ataque aos seus processos; e jamais se julga recompensado pelo governo, pelo país, pelos contemporâneos, de ter nascido numa terra de bugres e numa época de revoltante mercantilismo. É fatigante e talvez pouco útil. Um homem absoluta, totalmente notável só é aceitável através do cartão-postal, porque afinal fala de si, mas fala pouco. Foi, pois, com susto que ontem, domingo, recebi a proposta de um amigo:

- Vamos ver as grandes decorações dos pintores da cidade?
- Heim? Estás decididamente desvairando. As grandes decorações? Uma visita aos ateliers?
- Não; a outros locais.
- E havemos de encontrar celebridades?
- Pois está claro. Não há cidade no mundo onde haja mais gente célebre que a cidade de S. Sebastião. Mas não penses que te arrasto a ver algum Vítor Meireles, alguns Castagnetto apócrifos ou os trabalhos aclamados pelos jornais. Não! Não é isso. Vamos ver, levemente e sem custo, os pintores anônimos, os pintores da rua, os heróis da tabuleta, os artistas da arte prática. É curiosíssimo. Há lições de filosofia nos borrões sem perspectiva e nas “botas” sem desenho. Encontrarás a confusão da população, os germes de todos os gêneros, todas as escolas e, por fim, muito menos vaidade que na arte privilegiada.

Era domingo, dia em que o trabalho é castigar o corpo com as diversões menos divertidas. Saí, devagar e a pé, a visitar bodegas reles, lugares bizarros, botequins

inconcebíveis, e vim arrasado de confusão cerebral e de encanto. Quantos pintores pensa a cidade que possui? A estatística da Escola é falsíssima. Em cada canto de rua depara a gente com a obra de um pintor, cuja existência é ignorada por toda a gente.

O meu amigo começou por pequenas amostras da arte popular, que eu vira sempre sem prestar atenção: os macacos trepados em pipas de parati, homens de olho esbugalhado mostrando, sob o verde das parreiras, a excelência de um quinto de vinho, umas mulheres com molhos de trigo na mão apainelando interiores de padarias e talvez recordando Ceres, a fecunda. Depois iniciou a parte segunda:

- Vamos entrar agora nas composições das marinhas. Os pintores populares afirmam a sua individualidade pintando a Guanabara e a praia de Icaraí. Por essas pinturas é que se vê quanto o “ponto de vista” influi. Há o Pão de Açúcar redondo como uma bola, no Estácio; há o Pão de Açúcar do feitio de uma valise no Andaraí; e encontra o mesmo Pão, comprido e fino, em S. Cristóvão. O povo tem uma alta noção dos nossos destinos navais; a sua opinião é exatamente a mesma que a do ministro da marinha – rumo ao mar! Por isso, não há Guanabara pintada pelos cenógrafos da calçada que não tenha à entrada da barra um vaso de guerra. A parreira como o bêbado tem uma conclusão fatal: carga ao mar!

- E depois?

- Depois entramos nas grandes telas, as grandes telas que a cidade ignora.

Estávamos na Rua do Núncio. O meu excelente amigo fez-me entrar num botequim da esquina da Rua de S. Pedro e os meus olhos logo se pregaram na parede da casa, alheio ao ruído, ao vozear, ao estrépito da gente que entrava e saía. Eu estava diante de uma grande pintura mural comemorativa. O pintor, naturalmente agitado pelo orgulho que se apossou de todos nós ao vermos a Avenida Central, resolveu pintá-la, torná-la imorredoura, da Rua do Ouvidor à Prainha. A concepção era grandiosa, o assunto era vasto, o advento do nosso progresso estatelavase ali para todo o sempre, enquanto não se demolir a Rua do Núncio. Reparei que a Casa Colombo e o Primeiro Barateiro eram de uma nitidez de primeiro plano e que aos poucos, em tal arejamento,

os prédios iam fugindo numa confusão precipitada.

Talvez esse grande trabalho tivesse defeitos. Os dos “salões” de toda a parte do mundo também os têm. Mas quantos artigos admiráveis um crítico poderia escrever a respeito! Havia decerto naquele deboche de casaria o início da pintura moral, da pintura intuitiva, da pintura política, da pintura alegórica... Indaguei, rouco:

— Quem fez isto?

— O Paiva, pintor cuja fama é extraordinária entre os colegas

Voltei-me e de novo fiquei maravilhado. Aquele café não era café, era uma catedral dos grandes fatos. Na parede fronteira, entre ondas tremendas de um mar muito cinzento rendado de branco, alguns destroyers rasgavam o azul denso do céu com projeções de holofotes colossais.

— Há coisas piores nos museus.

— Mas isto é digno de uma pinacoteca naval.

O amador, que é o dono do botequim, e o artista cheio de imaginação, que é o Paiva, não se haviam contentado, porém, com essas duas visões do progresso: a avenida e o holofote. Na outra parede havia mais uma verdadeira orgia de paisagem: grutas, cascatas, rios marginados de flores vermelhas, palmas emaranhadas, um pandemônio de cores.

Quando me viu inteiramente assombrado, esse excelente amigo levou-me ao café Paraíso, na Avenida Floriano.

— Já viste a arte-reclamo, a arte social. Vamos ver a arte patriótica.

— E depois?

— Depois ainda hás de ver os artistas que se repetem, a arte romântica e infernal.

A arte patriótica, ou antes regional, dos pintores da calçada é o desejo, aliás louvável, de reproduzir nas paredes trechos de aldeia, trechos do estado, trechos da terra em que o proprietário da casa, ou o pintor, viu a luz. No café Paraíso, o artista, que se chama Viana, pintou a cidade de Lourenço Marques, vista em conjunto, mas,

como qualquer sentimento de amor naquela elaboração difícil brotasse de súbito no seu coração, Viana colocou à entrada de Lourenço Marques um couraçado desfaldando ao vento africano o pavilhão do Brasil. Dessas pinturas há uma infinidade, e eu vi não sei quantas pontes metálicas do Douro ao atravessar algumas ruas.

— Entremos neste botequim, aqui à esquina da Rua da Conceição. Vais conhecer o Colon, pintor espanhol. Colon tem estilo: este painel é um exemplo. Que vês? Uma paisagem campestre, arvoredo muito verde, e lá ao fundo um castelo com a bandeira da nacionalidade do dono da casa. É sempre assim. Há outros mais curiosos. O Oliveira completa os trabalhos sempre com cortinas iguais às que se usavam nos antigos panos de boca dos teatros. O trabalho é o abuso do azul, desde o azul claro ao azul negro.

— Mas estás a contar os tiques de grandes pintores.

— São parecidos. Eu conheço muitos mais: o velho Marcelino, que tem a especialidade de pintar os homens no pifão; o Henrique da Gama, o primeiro dos nossos fingidores, que faz um metro de mármore em cada cinco minutos; o Francisco de Paula, que adora os papagaios e faz caricaturas; o Malheiros, que reúne gatos, cachorros, cascatas e caboclos em cada tela. É o ideal da arte! São eles os autores dos estandartes dos cordões; são eles que enriquecem! Já entraste num desses ateliers, no Cunha dos PP, no Garcia Fernandes da Rua do Senhor dos Passos? Pois é como um desses studios da Flandres antiga, em que os grandes artistas assinavam os trabalhos dos discípulos, é como se entrasse na grande manufatura da pintura assinada. Vamos ao Cunha.

— Não, não, por hoje basta.

— Mas pelo menos vem admirar na Rua Frei Caneca 1660 famoso trabalho do Xavier.

— O famoso trabalho?

Se os outros, que não eram famosos e não eram de Xavier, tanta admiração me

havia causado, imaginem esse, sendo de Xavier e sendo famoso. Precipitei-me num bonde, saltei comovido como se me assegurassem que eu iria ver a Joconda de Da Vinci, e, quando os meus olhos sôfregos pousaram na criação do pintor, uma exclamação abriu-me os lábios e os braços. Era simplesmente um incêndio, o incêndio de uma cidade inteira, a chama ardente, o fogo queimando, torcendo, destruindo, desmoronando a cidade do vício. Tudo desaparecia numa violentação rubra de fornalha candente. Seria o fogo sagrado, a purificar como em Gomorra, ou o fogo da luxúria, o símbolo devastador das paixões carnavais, a reprodução alegórica de como a licença dos instintos devora e queima a vida?

Xavier fora mais longe. Aquele mar de incêndio, aquele braseiro desesperado e perene era a fixação do fogo maldito da luxúria, era o fogo de Satanás, porque Satanás, em pessoa, no primeiro plano, completamente cor de pitanga, com as pernas tortas e o ar furioso, abatia a seus pés, vestida de azul celeste, uma pobre senhora. Esse último painel punha-me inteiramente tonto. Mas não é uma das grandes preocupações da Arte comover os mortais, comovê-los até mais não poder? Xavier comovia, eu estava comovido. Nem sempre é possível obter tanta coisa nas exposições anuais. O meu amigo levou o excesso a apresentar-me o ilustre artista.

— Aqui está o Xavier.

— Os meus sinceros cumprimentos. Há sopro romântico, há imaginação, há ardência nesta decoração, fiz com o ar dogmático dos críticos ignorantes de pintura.

Ingenuamente, Xavier olhou para mim e, primeiro homem que não se julga célebre neste país, balbuciou:

— Eu não sei nada... Isso está para aí... Se soubesse fazer alguma coisa de valor até ficava.

Ontem e hoje (Lima Barreto)

Como todo o Rio de Janeiro sabe, o seu centro social foi deslocado da rua do Ouvidor para a avenida e, nesta, ele fica exatamente no ponto dos bondes do Jardim Botânico.

Lá se reúne tudo o que há de mais curioso na cidade. São as damas elegantes, os moços bonitos, os namoradores, os amantes, os badauds, os camelots e os sem-esperança.

Acrescem para dar animação ao local, as cervejarias que há por lá, e um enorme hotel que diz comportar não sei quantos milheiros de hóspedes.

Nele moram vários parlamentares, alguns conhecidos e muitos desconhecidos. Entre aqueles está um famoso pela virulência dos seus ataques, pela sua barba nazarena, pelo seu pince-nez e, agora, pelo luxuoso automóvel, um dos mais chics da cidade.

Há cerca de quatro meses, um observador que lá se postasse, veria com espanto o ajuntamento que causava a entrada e a saída desse parlamentar.

De toda a parte, corria gente a falar com ele, a abraçá-lo, a fazer-lhe festas.

Eram homens de todas as condições, de todas as roupas, de todas as raças.

Vinham os encartolados, os abrilhantados, e também os pobres, os mal vestidos, os necessitados de emprego.

Certa vez a aglomeração de povo foi tal que o guarda civil de ronda compareceu, mas logo afastou-se dizendo:

— É o nosso homem.

Bem; isto é história antiga. Vejamos agora a moderna. Atualmente, o mesmo observador que lá parar, a fim de guardar fisionomias belas ou feias, alegres ou tristes e registrar gestos e atitudes, fica surpreendido com a estranha diferença que há com aspecto da chegada do mesmo deputado. Chega o seu automóvel, um automóvel de muitos contos de réis, iluminado eletricamente, motorista de fardeta, todo o veículo reluzente e orgulhoso. O homem salta. Pára um pouco, olha desconfiado para um lado e para outro, levanta a cabeça para equilibrar o pince-nez no nariz e segue para a escusa entrada do hotel.

Ninguém lhe fala, ninguém lhe pede nada, ninguém o abraça – por quê?
Porque não mais aquele ajuntamento, aquele fervedouro de gente de há quatro meses passados?
Se ele sai e põe-se no passeio à espera do seu rico automóvel, fica isolado, sem um admirador ao lado, sem um correligionário, sem um assecla sequer. Por quê? Não sabemos, mas talvez o guarda civil pudesse dizer:
— Ele não é mais o nosso homem.

Bons dias! 29 de Julho (Machado de Assis)

Bons dias!
Antes de mais nada deixem-me dar um abraço no Luís Murat, que acaba de não ser eleito deputado pelo 12º distrito do Rio de Janeiro. Eu já tinha escovado a casaca e o estilo para o enterro do poeta e o competente necrológico; ninguém está livre de uma vitória eleitoral. Escovei-os e esperei as notícias.

Vieram elas, e não lhe digo nada: dei um salto de prazer. Cheguei à janela; vi que as rosas, – umas grandes rosas encarnadas que Deus me deu, – vi que estavam alegres e até dançavam; a música era um bater de asas de pássaros brancos e azuis, que apareceram ali vindos não sei donde, nem como. Sei que eram grandes, que batiam as asas, que as rosas bailavam e que as demais plantas pareciam exalar os melhores cheiros. Umas vozes surdas diziam rindo: Murat, derrotado. Murat, derrotado.

E que bonita derrota, Deus de misericórdia! Podia perder a eleição por vinte ou trinta votos; seria então um meio desastre, porque abria novas e fundadas esperanças. Mas, não, senhor, a derrota foi completa; nem cinquenta votos. Por outros termos, é um homem liberto; teve a sua Lei de 13 de Maio: “Art. 1º. Luís Murat continuará a compor versos. Art. 2º. Ficam revogadas as disposições em contrário”.

Não é que seja mau ter um lugar na Câmara. Tomara eu láestar. Não posso; não entram ali relojoeiros. Poetas entram, com a condição de deixar a poesia. Votar ou poetar. Vota-se em prosa, qualquer que seja, prosa simples, ruim prosa, boa prosa, belaprosa, magnífica prosa, e até sem prosa nenhuma, como o Sr. Dias Carneiro, para citar um nome. Os versos, quem os fez, distribui-os pelos parentes e amigos e faz uma cruz às musas. Alencar tinha um drama no prelo, quando foi nomeado ministro. Começou mandando suspender a publicação; depois fê-lo publicar sem nome de autor. E note-se que o drama era em prosa...

Suponhamos que Luís Murat saía eleito, e que seu rival, o Augusto Teixeira, é que ficava com os quarenta votos. Com certeza, os versos de Murat não passavam a ser feitos pelo Teixeira;

e era talvez, uma vantagem. Em todo caso, ficávamos sem eles. Onde estão os do Dr. Afonso Celso? José Bonifácio, se os fazia, enterrava-os na chácara... Podia citar outros, mas não quero que a Câmara brigue comigo.

Vá lá abraço, e adeus. Agora é arrazoar de dia no escritório de advogado, e versejar de noite. Não fazem mal as musas aos doutores, disse um poeta; podem fazê-lo aos deputados.

Antes de mais nada, disse eu a princípio; mas francamente não vi se tinha mais alguma coisa que dizer. Prefiro calar-me, não sem comunicar aos leitores uma notícia de algum interesse.

Os leitores pensam com razão que são apenas filhos de Deus, pessoas, indivíduos, meus irmãos (nas prédicas), almas (nas estatísticas), membros (nas sociedades), praças (no exército), e nada mais. Pois são ainda uma certa coisa, – uma coisa nova, metafórica, original.

Ontem, indo eu no meu bonde das tantas horas da tarde para (não digo o lugar), ao entrarmos no Largo da Carioca, costeamos outro bonde, que ia enfiar pela Rua de Gonçalves Dias. O condutor do meu bonde falou ao do outro para dizer que na viagem que fizera da estação do Largo do Machado até a cidade, trouxe um só passageiro. Mas não contou assim, como aí fica; contou por estas palavras: “Que te dizia eu? Fiz uma viagem à toa; apenas pude apanhar um carapicu...”

Aí está o que é o leitor: um carapicu este seu criado; carapicus os nossos amigos e inimigos. Aposto que não sabia desta? Carapicu... Como metáfora, é bonita; e podia ser pior.

O enterro do Sinhô (Manuel Bandeira)

J. B. SILVA, o popular Sinhô dos mais deliciosos sambas cariocas, era um desses homens que ainda morrendo da morte mais natural deste mundo dão a todos a impressão de que morreram de acidente. Zeca Patrocínio, que o adorava e com quem ele tinha grandes afinidades de temperamento, era assim também: descarnado, lívido, frangalho de gente, mas sempre fagueiro, vivaz, agilíssimo, dir-se-ia um moribundo galvanizado provisoriamente para uma farra. Que doença era a sua? Parecia um tísico nas últimas. Diziam que tinha muita sífilis. Certamente o rim estava em pantanas. Fígado escangalhado. Ouvia-se de vez em quando que o Zeca estava morrendo. Ora em Paris, ora em Todos os Santos, subúrbio da Central. E de repente, na Avenida, a gente encontrava o Zeca às três da madrugada, de smoking, no auge da excitação e da verve. Assim me aconteceu uma vez, e o que o punha tão excitado naquela ocasião era precisamente a última marcha carnavalesca de Sinhô, o famoso Claudionor... que pra sustentar família foi bancar o estivador...

Me apresentaram a Sinhô na câmara-ardente do Zeca. Foi na pobre nave da igreja dos pretos do Rosário. Sinhô tinha passado o dia ali, era mais de meia-noite, ia passar a noite ali e não parava de evocar a figura do amigo extinto, contava aventuras comuns, espinafrava tudo quanto era músico e poeta, estava danado naquela época com o Vila e o Catulo, poeta era ele, músico era ele. Que língua desgraçada! Que vaidade! mas a gente não podia deixar de gostar dele desde logo, pelo menos os que são sensíveis ao sabor da qualidade carioca. O que há de mais povo e de mais carioca tinha em Sinhô a sua personificação mais típica, mais genuína e mais profunda. De quando em quando, no meio de uma porção de toadas que todas eram camaradas e frescas como as manhãs dos nossos suburbiozinhos humildes, vinha de Sinhô um samba definitivo, um Claudionor, um Jura, com um “beijo puro na catedral do amor”, enfim uma dessas coisas incríveis que pareciam descer dos morros lendários da cidade, Favela, Salgueiro, Mangueira, São Carlos, fina-flor extrema da malandragem carioca mais inteligente e mais heróica... Sinhô!

Ele era o traço mais expressivo ligando os poetas, os artistas, a sociedade fina e

culta às camadas profundas da ralé urbana. Daí a fascinação que despertava em toda a gente quando levado a um salão.

Vi-o pela última vez em casa de Álvaro Moreyra. Sinhô cantou, se acompanhando, o “Não posso mais, meu bem, não posso mais”, que havia composto na madrugada daquele dia, de volta de uma farra. Estava quase inteiramente afônico. Tossia muito e corrigia a tosse bebendo boas lambadas de Madeira R. Repetiu-se a toada um sem número de vezes. Todos nós secundávamos em coro. Terán, que estava presente, ficou encantado.

Não faz uma semana eu estava em casa de um amigo onde se esperava a chegada de Sinhô para cantar ao violão. Sinhô não veio. Devia estar na rua ou no fundo de alguma casa de música, cantando ou contando vantagem, ou então em algum botequim. Em casa é que não estaria; em casa, de cama, é que não estaria. Sinhô tinha que morrer como morreu, para que a sua morte fosse o que foi: um episódio de rua, como um desastre de automóvel. Vinha numa barca da Ilha do Governador para a cidade, teve uma hemoptise fulminante e acabou.

Seu corpo foi levado para o necrotério do Hospital Hahnemanniano, ali no coração do Estácio, perto do Mangue, à vista dos morros lendários... A capelinha branca era muito exígua para conter todos quantos queriam bem ao Sinhô, tudo gente simples, malandros, soldados, marinheiros, donas de rendez-vous baratos, meretrizes, chauffeurs, macumbeiros (lá estava o velho Oxunã da Praça Onze, um preto de dois metros de altura com uma belida num olho), todos os sambistas de fama, os pretinhos dos choros dos botequins das ruas Júlio do Carmo e Benedito Hipólito, mulheres dos morros, baianas de tabuleiro, vendedores de modinhas... Essa gente não se veste toda de preto. O gosto pela cor persiste deliciosamente mesmo na hora do enterro. Há prostitutazinhas em tecido opala vermelho. Aquele preto, famanaz do pinho, traja uma fatiota clara absolutamente incrível. As flores estão num botequim em frente, prolongamento da câmara-ardente. Bebe-se desbragadamente. Um

vaivém incessante da capela para o botequim. Os amigos repetem piadas do morto, assobiam ou cantarolam os sambas (Tu te lembra daquele choro?) No cinema d’a Rua Frei Caneca um bruto cartaz anunciava “A Última Canção” de Al Johnson. Um dos presentes comenta a coincidência. O Chico da Baiana vai trocar de automóvel e volta com um landaulet que parece de casamento e onde toma assento a família de Sinhô. Pérola Negra, bailarina da companhia preta, assume atitudes de estrela. Não tem ali ninguém para quebrar aquele quadro de costumes cariocas, seguramente o mais genuíno que já se viu na vida da cidade: a dor simples, natural, ingênua de um povo cantador e macumbeiro em torno do corpo do companheiro que durante tantos anos foi por excelência intérprete de sua alma estóica, sensual, carnavalesca.

O Carioca É. Antes de Tudo. (Millôr Fernandes)

Os paulistanos (!) que me perdoem, mas ser carioca é essencial. Os derrotistas que me desculpem, mas o carioca taí mesmo pra ficar e seu jeito não mudou. Continua livre por mais que o prendam, buscando uma comunicação humana por mais que o agridam, aceitando o pão que o diabo amassou como se fosse o leite da bondade humana. O carioca, todos sabem, é um cara nascido dois terços no Rio e outro terço em Minas, Ceará, Bahia, e São Paulo, sem falar em todos os outros Estados, sobretudo o maior deles o estado de espírito. Tira de letra, o carioca, no futebol como na vida. Não é um conformista, mas sabe que a vida é aqui e agora e que tristezas não pagam dívidas. Sem fundamental violência, a violência nele é tão rara que a expressão “botei pra quebrar” significa exatamente o contrário, que não botou pra quebrar coisa nenhuma, mas apenas “rasgou a fantasia”, conseguiu uma profunda e alegre comunicação, numa festa, numa reunião, num batecoxa, num ato de amor ou de paixão, e se divertiu às pampas. Sem falar que sua diversão é definitivamente coletiva, ligada à dos outros. Pois, ou está na rua, que é de todos, ou no recesso do lar, que, no Rio é sempre, em qualquer classe social, uma open-house, aberta sob o signo humanístico do “pode vir que a casa é sua”.

Carioca, é. Moreno e de 1,70 metro de altura na minha geração, com muitos louros de 1,80 metro importados da Escandinávia na geração atual, o carioca pensa que não trabalha. Virador por natureza, janota por defesa psicológica, autocrítico e autogozador não poupando, naturalmente, os amigos e a mãe dos amigos, ele vai correndo à praia no tempo do almoço apenas pra livrar a cara da vergonhosa pecha de trabalhador incansável. E nisso se opõe frontalmente ao “paulista”, que, se tiver que ir à praia nos dias da semana, vai escondido pra ninguém pensar que ele é um vagabundo.

Amante de sua cidade, patriota do seu bairro, o carioca vai de som (na música), vai de olho (é um paquerador incansável e tem um pescoço que gira 360 graus), vai de olfato (o odor é de suprema importância na fisiologia sexual do carioca). Sem falar, que, em tudo, vai de espírito; digam o que disserem, o papo, invenção

carioca, ainda é o melhor do Brasil, incorporando as tendências básicas do discurso nacional: o humanismo mineiro, o pragmatismo paulista, a verbosidade baiana.

E basta ouvir pra ver que o nervo de todas as conversas cariocas, a do bar sofisticado como a do botequim pobre e sujo, por isso mesmo sofisticadíssimo, a do living-room granfa, a da cama (antes e depois), é o humor, a crítica, a piada, a graça, o descontraimento. Não há deuses e nada é sagrado no Olimpo da sacanagem. O carioca é, antes de tudo, e acima de tudo, um lúdico. Ainda mais forte e mais otimista do que o homem da anedota clássica que, atravessado de lado a lado por um punhal, dizia: “Só dói quando eu rio”, o carioca, envenenado pela poluição, neurotizado pelo tráfico, martirizado pela burocracia, esmagado pela economia, vai levando, defendido pela couraça do seu humor.

Só dói quando ele não ri.

Só dói quando ele não bate papo.

Só dói quando ele não joga no bicho.

Só dói quando ele não vai ao Maracanã.

Só dói quando ele não samba.

Só dói quando ele esquece toda essa folclorada acima, que lhe foi impingida anos a fio com o objetivo de torná-lo objeto de turismo, e enfrenta a dura realidade... carioca.

Chegou o outono (Rubem Braga)

Não consigo me lembrar exatamente o dia em que o outono começou no Rio de Janeiro neste 1935. Antes de começar na folhinha ele começou na Rua Marquês de Abrantes. Talvez no dia 12 de março. Sei que estava com Miguel em um reboque do bonde Praia Vermelha. Nunca precisei usar sistematicamente o bonde Praia Vermelha, mas sempre fui simpaticante. É o bonde dos soldados do Exército e dos estudantes de Medicina.

Raras mulatas no reboque; liberdade de colocar os pés e mesmo esticar as pernas sobre o banco da frente. Os condutores são amenos. Fatigaram-se naturalmente de advertir os soldados e estudantes; quando acontece alguma coisa eles suspiram e tocam o bonde. Também os loucos mansos viajam ali, rumo do hospício. Nunca viajou naquele bonde um empregado da City Improvements Company: Praia Vermelha não tem esgotos. Oh, a City! Assim mesmo se vive na Praia Vermelha. Essenciais são os esgotos da alma. Nossa pobre alma inesgotável! Mesmo depois do corpo dar com o rabo na cerca e parar no buraco do chão para ficar podre, ela, segundo consta, fica esvoaçando pra cá, pra lá. Umas vão ouvir Francesca da Rimini declamar versos de Dante, outras preferem a harpa de Santa Cecília. A maioria vai para o Purgatório. Outras perambulam pelas sessões espíritas, outras à meia-noite puxam o vosso pé, outras no firmamento viram estrelinhas. Os soldados do Exército não podem olhar as estrelas: lembram-se dos generais. Lá no céu tem três estrelas, todas três em carreirinha. Uma é minha, outra é sua. O cantor tem pena da que vai ficar sozinha. Que faremos, oh meu grande e velho amor, da estrela disponível? Que ela fique sendo propriedade das almas errantes. Nossas pobres almas erradas!

Eu ia no reboque, e o reboque tem vantagens e desvantagens. Vantagem é poder saltar ou subir de qualquer lado, e também a melhor ventilação. Desvantagem é o encosto reduzido. Além disso os vossos joelhos podem tocar o corpo da pessoa que vai no banco da frente; e isso tanto pode ser doce vantagem Como triste desvantagem. Eu havia tomado o bonde na Praça José de Alencar; e quando entramos na Rua Marquês de Abrantes, rumo de Botafogo, o outono invadiu o reboque. Invadiu e bateu no lado esquerdo de minha cara sob a forma de uma folha

seca. Atrás dessa folha veio um vento, e era o vento do outono. Muitos passageiros do bonde suavam.

No Rio de Janeiro faz tanto calor que depois que acaba o calor a população continua a suar gratuitamente e por força do hábito durante quatro ou cinco semanas ainda.

Percebi com uma rapidez espantosa que o outono havia chegado. Mas eu não tinha relógio, nem Miguel. Tentei espiar as horas no interior de um botequim, nada conseguindo. Olhei para o lado. Ao lado estava um homem decentemente vestido, com cara de possuidor de relógio.

— O senhor pode ter a gentileza de me dar as horas?

Ele espantou-se um pouco e, embora sem nenhum ar gentil, me deu as horas: 13:48. Agradei e murmurei: “chegou o outono”. Ele deve ter ouvido essa frase tão lapidar, mas aparentemente não ficou comovido. Era um homem simples e tudo o que esperava era que o bonde chegasse a um determinado poste.

Chegara o outono. Vinha talvez do mar e, passando pelo nosso reboque, dirigia-se apressadamente ao centro da cidade, ainda ocupado pelo verão. Ele não vinha soluçando les sanglois longs des violons de Verlaine, vinha com tosse, na quaresma da cidade gripada.

As folhas secas davam pulinhos ao longo da sarjeta; e o vento era quase frio, quase morno, na Rua Marquês de Abrantes. E as folhas eram amarelas, e meu coração soluçava, e o bonde roncava.

Passamos diante de um edifício de apartamentos cuja construção está paralisada no mínimo desde 1930. Era iminente a entrada em Botafogo; penso que o resto da viagem não interessa ao grosso público. O próprio começo da viagem creio que também não interessou. Que bem me importa. O necessário é que todos saibam que chegou o outono. Chegou às 13:48 horas, na Rua Marquês de Abrantes, e continua em vigor. Em vista do que, ponhamo-nos melancólicos.

Chegou o outono (Rubem Braga)

ENTÃO, não sei se você se lembra, nos veio aquela vontade súbita de comer siris. Havia anos que nós não comíamos siris e a vontade surgiu de uma conversa sobre os almoços de antigamente. Lembro-me bem, e não sei se você se lembra, que o primeiro a ter vontade de comer siris fui eu, mas que você aderiu logo a ela, com aquele entusiasmo que lhe é peculiar, sempre que se trata de comida ou de mulher.

Então, não sei se você se lembra, começamos a rememorar os lugares onde se poderia encontrar uma boa batelada de siris, para se comprar, cozinhar num panelão e ficar comendo de mãos meladas, chão cheio de cascas do delicioso crustáceo e mais uma para rebater de vez em quando. E só de pensar nisso a gente deixou pra lá a vontade pura e simples e passou a ter necessidade premente de comer siris.

Então, não sei se você se lembra, telefonamos para o Raimundo, que era o campeão brasileiro de siris e, noutros tempos, dava famosos festivais do apetitoso bicho em sua casa. Ele disse que, aos domingos, perto do Maracanã, havia um botequim que servia siris maravilhosos, ao cair da tarde. Não sei se você se lembra que ele frisou serem aqueles os melhores siris do Rio, como também os únicos em disponibilidade, numa época em que o siri anda vasqueiro e só é vendido naquelas insípidas casquinhas.

Ah... foi uma alegria saber que era domingo e havia siris comíveis e, então, nos dois, não sei se você se lembra, apesar da fome que o uisquinho estava nos dando resolvemos não almoçar para ficar com mais vontade ainda de comer siris. Passamos incólumes pela refeição, enquanto o resto do pessoal entrava firme num feijão que cheirava a coisa divina do céu dos glutões. O pessoal, aliás, achava que era um exagero nosso, guardar boca para um siri que só comeríamos à tarde, porque podíamos perfeitamente ter preparo estomacal para eles, após o almoço. Mas, não sei se você se lembra, fomos de uma fidelidade espartana aos siris. Saímos para o futebol com uma fome impressionante e passamos o jogo todo a pensar nos siris que comeríamos ao sair do Maracanã.

Então, não sei se você se lembra, saímos dali como dois monges tibetanos a caminho da redenção e chegamos no tal botequim. Então, não sei se você se lembra, que a gente chegou e o homem do botequim disse que o siri já tinha acabado.

Estado da Guanabara (Vinicius de Moraes)

Um repórter me telefona, eu ainda meio tonto de sono, para saber se eu achava melhor que o Distrito Federal fosse incorporado ao Estado do Rio, consideradas todas as razões óbvias, ou se preferia sua transformação no novo Estado da Guanabara. Sem hesitação optei pela segunda alternativa, não só porque me parece que o Distrito Federal constitui uma unidade muito peculiar dentro da Federação, como porque vai ser muito difícil a um carioca dizer que é fluminense, sem que isso importe em qualquer desdouro para com o simpático estado limítrofe. O negócio é mesmo chamar o Distrito Federal de Estado da Guanabara, que não é um mau nome, e dar-lhe como capital o Rio de Janeiro, continuando os seus filhos a se chamarem cariocas. Imaginem só chegarem para a pessoa e perguntarem de onde ela é, o ela ter de dizer: "Sou guanabarinu, ou guanabarense". Não é de morte? Um carioca que se preza nunca vai abdicar de sua cidadania. Ninguém é carioca em vão. Um carioca é um carioca.

Ele não pode ser nem um pernambucano, nem um mineiro, nem um paulista, nem um baiano, nem um amazonense, nem um gaúcho. Enquanto que, inversamente, qualquer uma dessas cidadanias, sem diminuição de capacidade, pode transformar-se também em carioca; pois a verdade é que ser carioca é antes de mais nada um estado de espírito. Eu tenho visto muito homem do Norte, Centro e Sul do país acordar de repente carioca, porque se deixou envolver pelo clima da cidade e quando foi ver... kaput! Aí não há mais nada a fazer. Quando o sujeito dá por si está torcendo pelo Botafogo, está batendo samba em mesa de bar, está se arriscando no lotação a um deslocamento de retina em cima de Néelson Rodrigues, Antônio Maria, Rubem Braga ou Stanislaw Ponte Preta, está trabalhando em TV, está sintonizando para Elizete. Pois ser carioca, mais que ter nascido no Rio, é ter aderido à cidade e só se sentir completamente em casa, em meio à sua adorável desorganização. Ser carioca é não gostar de levantar cedo, mesmo tendo obrigatoriamente de fazê-lo; é amar a noite acima de todas as coisas, porque a noite induz ao bate-papo ágil e descontínuo; é trabalhar com um ar de ócio, com um olho no ofício e outro no telefone, de onde sempre pode surgir um programa; é ter como único programa o não tê-lo; é estar mais

feliz de caixa baixa do que alta; é dar mais importância ao amor que ao dinheiro.
Ser carioca é ser Di Cavalcanti.

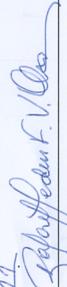
Que outra criatura no mundo acorda para a labuta diária como um carioca?
Até que a mãe, a irmã, a empregada ou o amigo o tirem do seu plúmbeo letargo,
três edifícios são erguidos em São Paulo. Depois ele senta-se na cama e coça-se por
um quarto de hora, a considerar com o maior nojo a perspectiva de mais um dia de
trabalho; feito o quê, escova furiosamente os dentes e toma a sua divina chuveirada.

Ah, essa chuveirada! Pode-se dizer que constitui um ritual sagrado no seu
cotidiano e faz do carioca um dos seres mais limpos da criação. Praticada de comum
com uma quantidade de sabão suficiente para apagar uma mancha mongólica,
tremendos pigarreios, palavrões homéricos, trechos de samba e abundante perda
de cabelo, essa chuveirada - instituição carioquíssima restitui-lhe a sua euforia típica
e inexplicável: pois poucos cidadãos poderão ser mais marretados pela cidade a
que ama acima de tudo. Em seguida, metido em sua beca de estilo, que o torna
reconhecível por um outro carioca em qualquer parte do mundo (não importa quão
bom ou medíocre o alfaiate, de vez que se trata de uma misteriosa associação do
homem com a roupa que o veste), penteia ele longamente o cabelo, com gomina,
brilhantina ou o tônico mais em voga (pois tem sempre a cisma de que está ficando
careca) e, integrado no metabolismo de sua cidade, vai a vida, seja para o trabalho,
seja para a flanação em que tanto se compraz.

Pode-se lá chamar um cara assim de guanabarrino?

Anexos

- Documento de solicitação de uso de imagens

 ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS ARQUIVO TERMO DE RESERVA DE DIREITOS	
1. PROPONENTE	
NOME COMPLETO:	RAFAEL MEDEIROS FRANCA VEIRA OLIVEIRA
ENDEREÇO RESIDENCIAL:	RUA SENADOR VERGUEIRO, Nº 106 APTº FLAMENGO
CEP:	22230-001 CIDADE: RIO DE JANEIRO ESTADO: RIO DE JANEIRO
TELEFONE RESIDENCIAL:	(21) 8233
NACIONALIDADE:	BRASILEIRO
DOCUMENTO DE IDENTIFICAÇÃO - TIPO:	CPF Nº:
INSTITUIÇÃO/EMPRESA/LOCAL DE TRABALHO:	ESDI/VERJ
ENDEREÇO COMERCIAL:	RUA EVARISTO VEIGA Nº 95 - LAPA
CEP:	20031-040 CIDADE: RIO DE JANEIRO ESTADO: RIO DE JANEIRO
TELEFONE:	(21) 2332 6910
2. OBJETIVOS/JUSTIFICATIVA DA PESQUISA:	
PESQUISA DE FOTOGRAFIAS EM ALTA QUALIDADE DE 12 AUTORES DA LITERATURA BRASILEIRA. AS IMAGENS SÃO PARA FINS ACADÊMICOS E SERÃO UTILIZADAS NO MEU PROJETO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE DESENHO INDUSTRIAL NA UERJ.	
3. FINALIDADE	
<input type="checkbox"/> COMERCIAL <input checked="" type="checkbox"/> ACADÊMICA <input type="checkbox"/> OUTRA	
TERMO DE RESPONSABILIDADE	
Eu, <u>RAFAEL MEDEIROS FRANCA VEIRA OLIVEIRA</u> , declaro ter ciência de que é vedada a reprodução de quaisquer documentos do acervo do arquivo da Academia Brasileira de Letras com finalidade comercial sem a autorização expressa da Academia.	
As reproduções que venham a ser publicadas sem finalidade comercial devem ser identificadas e informadas à Academia Brasileira de Letras, mantendo-se crédito institucional e de fonte.	
Declaro estar ciente dos artigos 6, 14 e 25 da Lei de Arquivos nº 8.159 de 8 de janeiro de 1991, referentes à violação de sigilo/ propriedade, desfiguração e destruição de documentos.	
Rio de Janeiro, 17 de OUTUBRO de 2011.	
 assinatura	

Bibliografia

TIPOGRAFIA, DIAGRAMAÇÃO, COR E DESENHO DE TIPOS.

BRINGHURST Robert. *Elementos do estilo tipográfico.* São Paulo: Cosac Naify, 2005.

FRASER, Tom, & Adam Banks. *O guia completo da cor.* São Paulo: Senac, 2010

HASLAM, Andrew. *O livro e o designer II - Como criar e produzir livros.* São Paulo: Edições Rosari, 2007.

HENDEL, Richard. *O Design do Livro.* Attelie Editorial, 2008.

LUPTON, Ellen. *Pensar com tipos: um guia para designers, escritores, editores e estudantes.* São Paulo: Cosac Naify, 2006.

MEGGS, Philip B. *História do design gráfico: Philip B. Medds e Alston W. Purvis.* São Paulo, Cosac Naify, 2009.

PERROTA, Isabela. *Tipos e Grafias.* Rio de Janeiro: Viana & Mosley, 2005.

SPIRKERMANN, Erik & E.M Ginger. *Stop stealing Sheep and find out how type works.* Mountain View: Adobe Press, 1993.

TABORDA, Felipe, Carlos Horcades, Nelson Martins. *A tipografia na arquitetura do Rio de Janeiro.* Rio de Janeiro: Servenco, 1986.

TSCHICHOLD, Jan. *A forma do livro. Ensaios sobre tipografia e estética do livro.* Atelie Editorial, 2007.

WILLEN, Bruce, & Nolen Strals. *Lettering & Type: creating and designing typefaces.* China: Princeton Architectural Press and Post Typography, 2009.

LITERATURA BRASILEIRA.

ABAURRE, Maria Luiza M. *Literatura brasileira: tempos, leituras e leituras, volume único.* São Paulo: Editora Moderna, 2005.

Sites consultados

LITERATURA

Projeto releituras

<www.releituras.com>

Visão carioca

<www.visaocarioca.com.br>

Portal São Francisco

<www.portalsaofrancisco.com.br>

IMS - Instituto Moreira Salles

<www.ims.uol.com.br>

Domínio Público

<www.dominiopublico.gov.br>

ACERVO FOTOGRÁFICO

Academia Brasileira de Letras

<www.academia.org.br>

Arquivo Nacional

<www.arquivonacional.gov.br>

DESIGN GRÁFICO

September Industry

<www.septemberindustry.co.uk>

Graphic Exchange

<www.graphic-exchange.com>

Typographic Posters

<www.typographicposters.com>

Pentagram

<www.pentagram.com>

Letter Cult

<www.lettercult.com>

Behance Network

<www.behance.net>

